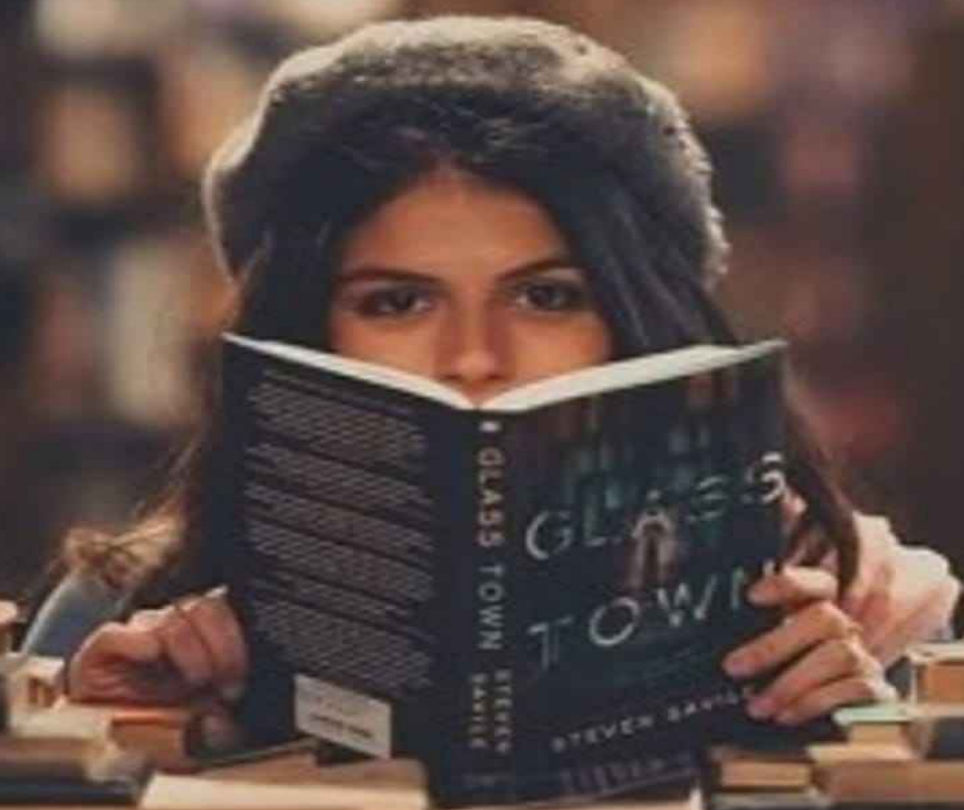


MUITO ALÉM DAS PALAVRAS

QUANDO SÓ É PRECISO SENTIR



HUMBERTO FAG

DO MESMO AUTOR DE "TÃO PERTO DE MIM."

WWW.HUMBERTOFAG.COM



Prólogo

Contar um romance é sempre um desafio com muitas variáveis que condicionam os efeitos que a história causa sobre as pessoas distintamente. Cada um tem a liberdade e a possibilidade de interpretá-lo à sua maneira e à sua maneira tirar suas próprias conclusões.

O que é mais interessante em contar um romance é reconhecer que, apesar de suas especificidades o amor é um sentimento comum a todos, independentemente de qualquer que seja a diferença.

Quando um rapaz cheio de vitalidade, que adorava esportes, um sucesso entre as garotas e com uma família bem sucedida, aparentemente tinha um futuro promissor pela frente. Como na vida, nada é previsível, ele se vê em uma cadeira de rodas sem poder andar e de repente tudo aquilo que pregavam como o padrão de vida ideal e bem sucedido estava por um fio, fadado a se tornar um pesadelo.

O seu relacionamento com pai que já não era dos melhores se deteriorou ainda mais, com o irmão que era seu grande parceiro, um abismo de ausência frequente , e como consequência sua vida foi limitada às margens da solidão e da falta de esperança.

Até que um dia, ele conhece Alice e os dois se apaixonaram sem que nada fosse dito, sem ao menos saber quem eram.

De um lugar jamais imaginado por ele, ela vinha, de uma vida pacata, de um lar modesto e ao mesmo tempo, feliz.

Ela, de alma grande, de um coração lapidado pelas força de vontade teria um papel crucial para que o sol novamente viesse iluminar os pensamentos dele e enfim abrisse as portas do seu coração.

Ela não sabia, mas trazia consigo a esperança.

Ele não acreditava mais em nada, muito menos que ainda pudesse existir algo além das palavras que trouxesse a mínima possibilidade de voltar a sonhar novamente, sorrir como outrora, amar e ser amado.

Para suprir toda sua dor ele escrevia romances e não eram simples contos de amor, eram algo que ultrapassava os limites das palavras e tocava o coração profundamente de quem o lia.

Ela vinha forjada pela sua própria história, de uma vida marcada por sacrifícios mas temperada pelo amor da sua pequena e bela família e isso a fez forte o suficiente para encarar tudo que viria pela frente.

Agente Literária, sonho acalentado e perseguido por ela que acreditava no poder das palavras, na capacidade que um livro poderia ter em mudar uma pessoa, uma vida tornando-a melhor. Nesse intuito sua carreira infelizmente não foi fácil, ela foi derrotada inúmeras vezes em suas muitas tentativas frustradas de tornar algum livro Best Seller, investindo tudo, até o pouco dinheiro que tinha.

Um dia, encontrou um livro que tinha tudo que ele sempre buscou: sentimento verdadeiro. Um livro ignorado pelas editoras que após ter sido deixado para ser analisado nunca fora apreciado, sequer aberto mas quis o destino que o livro chegasse em suas mãos e num dia de tristeza, profundamente machucada, ela o pegou nas mãos e leu, imediatamente cada palavra trouxe a grandeza infinita que pode existir nas palavras.

E ela acreditou nisso.

Ela lutou por isso novamente, só que dessa vez tudo foi diferente.

Assim, com encontros e reencontros maravilhosos a história de um romance com o frescor dos belos contos de amor, de uma família, de um sonho, de uma busca, de uma vida que é descrita neste livro com tudo que se espera em uma vida completa...

amor muito amor incondicionalmente!

∞ ∞ ∞

Introdução

Estava se aproximando a hora e por mais que disfarçassem a ansiedade todos que aguardavam ali tinham o mesmo motivo, conhecer a maior autora de romances dos últimos anos, aclamada e reverenciada pelos críticos mais exigentes ela se tornara segundo as mais respeitadas agências literárias do país em um fenômeno de vendas, a grande promessa do mercado editorial. Os seus livros eram um dos mais vendidos entre grandes nomes e haviam movimentos acirrados internacionais sedentos por comprarem os direitos de publicação fora do Brasil.

Uma aglomeração incomum na livraria Leiamos estava acontecendo em pleno meio da semana. Nos dias atuais, principalmente se tratando da venda de livros era um acontecimento sem precedentes.

No começo, as maiores editoras do país não aceitaram publicar o livro dela, tão pouco as grandes livrarias estavam dispostas a cederem lugar em suas prateleiras para mais um romance de um autor desconhecido.

Se algo estava claro diante de sua trajetória era a forte ambição dela em respeitar a sua própria linha de trabalho e de não sucumbir as ordens de editores diante da intensa exigência em modificar aspectos da história que ela contava.

Isso a fez conquistar sua independência.

Aquele dia era a mais autêntica comprovação de que ela realmente estava certa.

Os carros não podiam sequer estacionarem na rua em frente livraria, não havia mais espaço.

O Prefeito da cidade já confirmara sua ida, livreiros, jornalistas, a imprensa, também alguns núcleos representantes de fã-clubes estavam presentes, todos vieram exclusivamente para conhecê-la e por fim ter a chance de ver ao vivo, em cores, a autora que consegue tocar o coração dos seus leitores, deixando-os perdidamente apaixonados.

Mas algo que intrigava a todos é um mistério sobre sua identidade.

E neste dia seria comprovado novamente.

Ela não apereceria novamente!

Capítulo um

Alguns anos antes...

- *Araújo recebemos novos livros ?*

Pergunta Ricadrdo Santore, gerente geral da **Editora Phoenix**.

- *Sim, eu soube chefe.*

- *Já te pedi para não me chamar de chefe. Aliás soube que Vanessa foi demitida.*

- *Soube, mas soube também que vão contratar outra.*

- *Espero que não demore.*

- *Teve algum Livro que você gostou que dá para aproveitar? ou melhor conseguiu ler ?*

- *Parcialmente, dois autores acredito que possamos pensar em algo desde que aceitem as condições da editora.*

- *Olha, sinceramente...*

- *Tudo bem, já entendi....eu vou colocar a etiqueta*

A etiqueta foi colocada em alguns livros sem ao menos serem abertos.

NÃO APROVADO.

Em seguida, dentro de uma caixa eram lacrados e encaminhados para serem incinerados posteriormente.

Era um dia comum Editora Phoenix.

Enquanto isso, em outro ponto da cidade, Alice Malta, uma esforçada agente literária rumava contra a maré de fracassos consequentes das suas últimas tentativas. Ela já havia investido quase todas suas reservas na divulgação de obras modestas que não foram bem recebidas pelo público, nem tão pouco pela crítica. Sendo rejeitadas por todas as editoras pequenas e grandes.

Ela mesmo assinara alguns contratos de divulgação usando o seu próprio nome, se responsabilizando, ela mesmo, pelos autores no intuito de publicar os livros. Tudo em vão. Dívidas foram se acumulando com o tempo.

- Alice, chegou um documento registrado para você, o seu pai disse que você sabia do que se trata. Eu não olhei.

- Sim mãe, deve ser dessas empresas de cartão de crédito querendo me empurrar mais um para me atolar ainda mais.

-Verdade filha. Acabei de coar um cafézinho, sente aqui, vamos prozear um pouco.

- Obrigada mãe, eu vou tomar uma xícara rapidinho e vou correndo pegar o ônibus que já deve estar passando.

- Tá bom querida...vá logo então.

Realmente ela estava vivendo uma das fases mais difíceis de sua vida. A carta registrada era uma cobrança extra-judicial impetrada por uma advogada mau caráter que representa a escritora Ana Beck, uma autora desconhecida que, mesmo após

todo esforço de Alice, se revoltara com ela. O seu livro não emplacara, as vendas foram tão modestas que não compensou todo o investimento. Foi aí que Ana Beck enfurecida, tentando justificar a sua tímida performance, procurou um advogado alegando que a culpa de seu livro não ser procurado devia-se ao amadorismo da agente literária que havia contratado e a ludibriado: **Alice Malta**.

∞ ∞ ∞

Enquanto terminava refeição do café da manhã, Alice olhava sua mãe que mal podia imaginar o quanto sua filha estava encrecada.

Um remorso ecoou lá no fundo do seu peito.

Pôs a xícara sobre a mesa, respirou fundo, beijou-a e saiu.

Isso não duraria muito tempo, com certeza. Era apenas questão de tempo, afirmava para si mesma.

Sandro, entra na cozinha assim que Alice saiu, sem comentar nada coloca água para beber, enconsta na bacia da pia e se mantém pensativo. Ele, pai de Alice, era o maior incentivador da filha, acreditava que ela ainda não tinha encontrado um grande autor que tivesse escrito um Romance cujo o enredo trouxesse paixão ao leitor.

Acreditava piamente que Alice deveria se dedicar a isso, que ela não poderia desistir diante dos fracassos recentes, ela iria encontrá-lo, o autor, o livro, algo que a tornasse uma das mais respeitadas agentes literárias do país.

O ônibus parara no terminal, Alice sentada observa as pessoas indo para seus trabalhos. Encosta a cabeça no vidro da janela e chora.

Sem ânimo o suficiente para encarar mais ninguém, nem seu próprio pai, começava a lhe esvair o que restava de suas últimas forças para se dedicar como outrora o faria.

O que ainda agravava mais ...

sem nenhum centavo.

∞ ∞ ∞

Café Paris

A rua da livraria Leiamé era tradicional pelos seus restaurantes clássicos e pelos seus cafés, com uma vasta calçada permitia que as mesas e cadeiras fossem dispostas de forma elegante. Era o local ideal para relaxar da vida corrida de São Paulo além de ser considerado um dos mais conceituados e charmosos da cidade. Talvez sua tradição devesse a um cenário bucólico não obstante romântico em sua essência, inspirado nos cafés franceses.

Não era a toa que os donos trouxeram de lá idéia para montar um similar aqui, após visitarem o De Flore um secular café em Paris, localizado na confluência do Boulevard Saint-Germain com a Rue Rennes e também vizinho do Lês Deux Magots.

Eles ficaram encantados sobretudo pela sua tradição histórica, o Flore manteve durante a segunda guerra mundial entre seus clientes mais assíduos os escritores Hemingway e Simone de Beauvoir, além de ser frequentado também por Pablo Picasso e

Jean-Paul Sartre, entre outros. As mesas da calçada são muito concorridas, para tomar drinques, comer uma salada e principalmente observar o burburinho das pessoas que caminham pelo local. O cardápio é bem elaborado, variado e com uma relação extensa de bebidas.

O Café Paris seguia esses moldes, cardápio, arquitetura, sem citar o local privilegiado próximo a uma esquina e era o lugar preferido por Jonatam desde o acidente. Ali ele passava horas escrevendo em seu computador, uma mesa estava sempre reservada para ele, ficava diante de uma grande janela que dava para calçada com vista para a fachada da livraria Leiname.

Com árvores frondosas que debruçavam-se sobre ao telhado, cobrindo de sombra toda a calçada, o que contrinuía com um clima muito agradável.

Jonatam já encontrara com diversos artistas ali, mas seu maior prazer era saborear o delicioso pão de sanduíche branco torrado, frango, tomate, salada, maionese, ovo cozido, bacon, um dos mais pedidos em seu rico cardápio.

Alice desceu do ônibus a alguns metros dali, ainda nervosa, olhou para todos os lados buscando um pouco de refúgio para abastecer-se de força e encarar a entrevista que seria a algumas horas.

Ela seguiu pela calçada devagar e entrou no Café Paris sentando-se em uma cadeira logo a frente a mesa que Jonatam estava.

- Senhorita aceita a nossa entrada ?

Pergunta o Garçom com toda elegância.

- *Obrigada, mas não quero. Eu prefiro que me traga um capuccino bem quente por favor.*

- *Claro, só minuto senhora.*

Após o garçom se retirar, seus olhos percorrem o café e encanta-se pelo lugar, pelo aroma, pela arquitetura, pelo

- *Que lindo!* - abaixando rapidamente a cabeça.

Como um imã os olhos dela acabaram de se encontrarem com os do Jonatam.

Ela por alguns instantes entrou em órbita sem ao menos perceber que o garçom já havia deixado o capuccino sobre a mesa.

- *Senhora, o seu capuccino!*

- *Sim, sim... claro....*

Ela fingiu estar olhando o cardápio enquanto acompanhava Jonatam com o canto do olho. Ele por sua vez, também percebeu algo nela, apesar de estar escrevendo disfarçadamente observava aquela linda garota .

- *Meu Deus, a hora, preciso ir....*

Ela pagou a conta e rapidamente se foi atravessando a rua .

Parada enquanto o sinal abria ela sentia que ele estava a acompanhando com o olhar.

Entrevista

- *Alice, seu curriculum é bom.*

- *Sim Sr. Augusto, eu sou formada em letras, tenho pós graduação em Literatura Contemporânea*

- *....eu li aqui, vi também que você é agente literária?*

- *Sim, é um grande sonho que eu acalentava, mas confesso, não dei sorte...*

- *Quais livros você trabalhou?*

- *O Rei do Cheque, Dama negra do Morro, Tráfico de Influência....e...*

- *Ok...Ok... Eu nunca ouvi e nem li nenhum deles.*

- *Eu sei Sr. Augusto, mas eu tentei trazer alguns para cá, para o senhor, os seus analistas nunca me retornaram.*

Augusto, **Augusto Schmidt** era um nome de peso no meio Literário, dono de uma rede de livrarias espalhadas por São Paulo, com franquias em outros estados, perfil pragmático, de poucos amigos.

Para Alice, estar ali em sua frente, naquele dia, não era um acaso do destino, mas sim uma indicação feita por um velho amigo

do seu pai, Roger, **Roger Scaddinavo**, dono da cafeteria mais frequentada da região e coincidentemente por Augusto.

Roger, era um italiano nato, palmerense inveterado. Quando falava, que não era muito, exibia um tom suave, distoando com o encontrado normalmente em descendentes vindos de Nápoles, sempre tão expansivos. A expansividade era refletida nas mãos nervosas que gesticulavam o tempo inteiro. Jeito durão, mas um coração tão grande que não cabia dentro de si.

Sandro, pai de Alice, o conhecia muito bem pois trabalhavam juntos a muitos anos, desde sua vinda à Moóca, caipira vindo do interior como ele mesmo costumava brincar, nessa época de difícil adaptação, Roger o acolheu como a um filho.

Pela dedicação e lealdade incondicional de Sandro, os dois se tornaram mais do que amigos, mantinham uma relação bonita de confiança que ultrapassou os limites profissionais.

Sandro foi responsável por acompanhar com Roger todas as mudanças da empresa, encabeçando reformas, melhorias, esteve presente nos períodos difíceis como quando a chegada dos grandes shoppings que absorveram muitos dos seus antigos clientes.

Consequentemente Sandro se transformou em braço direito, o homem de confiança do Sr. Augusto.

Apesar das interpéris, o estabelecimento cresceu muito, se adaptou aos novos tempos, se adequou, tornando-se numa tradicional cafeteria, uma das mais famosas de São Paulo.

Sandro não sabia que Roger conhecia o dono da tão badalada livraria Leiname. Claro que assim que ficou sabendo, em uma conversa particular confidenciou sobre a situação da filha, Roger prontamente confirmou sobre sua amizade com Augusto e que

conseguiria uma forma de colocar sua filha na frente do famoso empresário dos livros.

∞ ∞ ∞

Capítulo dois

A adaptação a nova realidade sem emprego parecia tornar os dias intermináveis, afastada de suas atividades como agente literária ela via e revia todo seus trabalhos, suas ações, suas estratégias, tentando encontrar algo que justificasse os maus resultados.

O refrigerante do seu lado já estava no fim...seus olhos já ardiam...as mãos oleosas de tanto passar nos cabelos...

- Eu não sei o que eu errei. Fiz tudo como manda o figurino. Todas as etapas, todas as revisões, todas os malditos contatos...

Levantando-se da cadeira e começa a dar voltas no quarto até que tropeça nas próprias pernas e a faz cair sobre sua cama, seguido de um longo suspiro, fecha os olhos...

Um verdadeiro filme passa em sua mente, um retrospecto de sua vida começa inundar seus pensamentos, recorda-se com nostalgia de alguns momentos que viveu, como antes de terminar a faculdade trabalhando como auxiliar no **Cantinho da Melhor Idade**, o coração se aqueceu por alguns instantes da mesma forma que acontecia quando ela sentia o carinho de alguns moradores antigos, que em sua maioria a conheciam, já sabiam de suas lutas, sua obstinação em ajudar a família, seu esforço em trabalhar até tarde para pagar a faculdade, a maioria eram idosos abandonados pelos filhos e a consideravam como uma filha.

Foi uma fase difícil vê-los muitos em fase terminal, alguns morreram sem que ninguém da família o procurassem, esquecidos nos grilhões de um universo pequeno resumido a uma televisão no quarto, dois banhos de sol, uma ou outra a partida de dominó, e no fim, solidão.

Não obstante, era gratificante ouvir suas histórias, escutar suas românticas e sofridas músicas antigas que tocavam em sua maior parte ao entardecer, causando ainda mais nostalgia.

Diante de tudo isso existia intrínseco um certo clima de felicidade apesar de tudo , o olhos de alguns velhinhos brilhavam apenas com um pouco de atenção que lhes era dada ou até com alguma refeição diferente, por mais modesta que fosse. As limitações e fragilidades trazidas com a idade não diminuía a vontade de viver da mairia que estava ali.

Uma familiaridade incrível com os donos foi criada e o casal nordestinos a tratava tão bem quanto podiam. Existia um apreço enorme dos que cruzaram seu caminho, como por exemplo o senhor de olhos azuis chamado Carlinhos Norberto, que sempre vinha pelos corredores na hora de assistir o jornal devidamente alinhado em um garboso paletó listrado, também tinha o Sr. Petrucio, com seu irmão Sr. Tiago, ambos entre 80 e 83 anos. Os filhos sempre vinham visitá-los e traziam as netas para vê-los. Os dois terminavam discutindo por simplesmente disputarem a atenção deles. Ficavam emburrados quando no final da visita tinha que se despedir, porém no outro dia nem parecia que haviam se desentendido. Estavam sempre juntos...linda relação de irmãos, de amigos.

Ah, havia uma senhora que usava uma maquiagem forte e um batom vermelho, sem mencionar suas roupas com cores chamativas sempre com tonalidade gritantes. Também tinha uma senhora de cabelos loiros, Dona Salete, ela era a vedete dos velhinhos do asilo, suas amigas "as loucas de meia-idade" Maria Amelia e Sebastiana Pedroso, não podiam ver algum enfermeiro bonitinho que, assanhadas, os faziam sentar e ouvir conselhos por horas.

Foram muitas histórias até sua formatura.

Ela se virou de lado na cama e mais lembranças insistiam em voltar....

Logo depois de formanda foi dar aulas em um curso pré-vestibular o quê para ela foi um pesadelo. Uma classe formada por um monte de marmanjos que não cessavam de cantá-la no pior dos sentidos.

- Me sentia um lixo, droga !

Durou pouco, mas foi o suficiente para ela detestar salas de aula.

Algo sempre presente foi sua paixão pela leitura.

Os livros sempre foram a sua paixão.

Seu quarto é a testemunha desse amor.

Com algumas prateleiras acima da porta, que foram colocados por seu pai e também do lado da cama, ela guardava livros desde pequena, **O pequeno príncipe** era o predileto com seu famoso jargão:

"Tu és responsável pelo que cativas"

- Lindosimplesmente maravilhoso!

Nessa fase, ela começou a paquerar, e sonhar com um grande amor, para ela, naquela época, ela iria namorar e casar...simples assim não é?

Outra frustração.

Assim que conheceu Henry, o cara mais bonito que seus olhos já haviam cruzados, um jogador de Voley que não falava em outra coisa, não pensava em outra coisa e não queria outra coisa.

Henry era daqueles rapazes sonhadores, e que dificilmente conseguem manter os pés no chão, voando sempre para o universo pessoal dele próprio, que não é o daqui e só tem ELE, só existe ELE, só importa ELE.

Apesar disso, ele tinha grandes atributos é verdade, como sua altura de 1,85, seu corpo másculo e sua voz grossa o tornava extremamente encantador.

Mas como "beleza não se põe a mesa" já dizia o ditado, ele tinha um grande defeito, era muito possessivo e adorava menosprezar tudo o quê não podia superar, como o carisma e graça de Alice. Talvez para compensar seu insucesso profissional, fazê-la se sentir menor para ele o tornava o maior, tipo **"o cara"**.

Alice percebeu a tempo e o romance não durou mais que alguns meses.

∞ ∞ ∞

Naquele dia porém, ela não estava ali para apresentar um livro ou um autor.

Ela estava ali por causa de um emprego.

Folheando o currículo de Alice o homem de cabelos grisalhos e óculos com armação fina, constata.

- *Ok Alice, você não deu sorte com seus livros, não é mesmo?*

Alice está com as mãos no colo, suadas, trêmulas e com nervosismo visivelmente aparente aliado a angustia de receber

possivelmente mais um não.

Pensando bem, para ela trabalhar em uma das livrarias mais charmosas de São Paulo como vendedora seria um ótimo recomeço, uma boa maneira de não sair do mundo dos livros, ao mesmo tempo, poderia ajudar a pagar suas dívidas contraídas com os investimentos em autores que não emplacaram.

Mesmo que dessa vez fosse diferente de como ela havia sonhado no começo de sua carreira enquanto ainda era apenas uma jovem sonhadora recém-formada em Literatura.

Dependendo do que seria decidido ali naquele momento, para ela a sorte poderia finalmente ter batido em sua porta, ou não.

“Não faz mal Alice, não faz mal” – pensava ela tentando se convencer.

Apesar de se considerado um trabalho simples para muitos, ela sabia que trabalhar em uma livraria tão grande seria um excelente aprendizado e a livraria **Leiamé** era um dos braços de venda da famosa **Editores Phoenix**, detentora de grandes títulos nacionais, tudo se encaixava perfeitamente na qual simplesmente ela teria recebido vários **Nãos**.

Ele tira o óculos redondo, ela nem respira.

Apóia o óculos sobre a mesa.

Levanta cabeça e direciona o olhar para Alice

- *Quando você pode começar?*

Os olhos de Alice de repente param...ela respira..seu sorriso não....

- Meu Deus Sr. Augusto.....quando o senhor quiser.....

∞ ∞ ∞

Os livros chegavam em caixas normalmente lacrados, alguns desses, os próprios agentes literários traziam pessoalmente. as vezes dava certo e conseguiam que o livro fosse colocado na prateleira para venda.

O fato de nem todos passarem por uma análise abrangente, o que demoraria algum tempo, fazia com quê a equipe de **Ramon** gerente responsável pela inserção de novas obras, se detivessem apenas àqueles autores já conhecidos. Era impossível, segundo ele mesmo, com que três Analistas Literários apenas dessem conta do imenso volume de livros que chegavam diariamente.

E lá estava Alice indo ao seu primeiro dia de trabalho.

Sandro, orgulhoso por ter conseguido indicar sua única filha para um trabalho, se levantara primeiro que todo mundo esbanjando sorriso falava sozinho, pôs o café caprichado com tudo que sua pequena adorava e um pequeno vaso com uma orquídea branca acompanhada com um bilhete escrito a mão **“parabéns filha”**.

- Oh pai, você nao existe sabia? foi a coisa mais fofas que o eu já li. Te amo.

Ele olhava com a fisionomia de alguém que tivesse acabado de ganhar um prêmio da loteria.

Sua mãe já passara toda sua roupa um dia antes, tudo disposto em cima da cama organizadamente, enquanto ela estava no banho.

- Ah...esses dois....o que eu faço com esses dois....

Já na mesa, os dois, pai e mãe aguardavam a filha para tomarem café juntos, o que conteceu posteriormente em um clima de sorrisos, confissões, otimismo e o principal: muito amor envolvido.

∞ ∞ ∞

Até chegar a livraria, ela teria que pegar dois ônibus, enquanto percorria a pé pelas estreitas ruas de Heliópolis, ela lia o bilhete do pai e um contentamento surgia em meio as dúvidas que insistiam em brigar com o seu otimismo, abrindo caminhos entre seus pensamentos confrontando-o, receios e incertezas, desafios que encontraria mas a com coragem e garra que tinha com certeza ela venceria...

- Calma Alice, vai dar tudo certo..... pensava ela enquanto caminhava por entre as pessoas.

Enquanto caminha até o ponto ônibus seus mantras para emitir confiança eram elaborados em sua cabeça.

- Isso, calma, pensa em outra coisa.....Hummm, verdade, lembra o quê significa Heliópolis? Sim, sim.... é uma palavra que significa “Cidade do Sol”...

Porque será que eu estou pensando nisso?

Não sei, não sei.....

Deve ser porque não quero pensar em como será lá na livraria .. mas a livraria é na Mooca...

...tanto faz...

..Olhar o colorido das casinhas aqui me faz lembrar do significado...e lá eu serei o sol!

Um misto de cores, formas e pessoas nas calçadas da comunidade em que crescem acabavam por trazer confirmações lá dentro do que aprendeu

Simplicidade, honestidade, verdade em qualquer idade... sim papai sempre repetia para mim desde que eu era pequena....

Valores que ela tinha aprendido e que agora estavam mais evidentes do que nunca...

∞ ∞ ∞

Capítulo três

Vinte e oito minutos depois.

Livraria **Leiname**, Avenida Paz de Barros, Mooca São Paulo.

Alice fica parada na porta antes de entrar, respira fundo, com as duas mãos na frente do corpo segurando sua bolsa, examina por alguns instantes cada cantinho, preciosos minutos que são necessários para que ela esteja emocionalmente pronta para iniciar seu novo caminho.

Agora, após ter passado pela tensão da entrevista ela finalmente se deu conta do quanto livraria é imensa, um fluxo grande de pessoas passeiam por entre as gôndolas, algumas procurando livros, outras sentadas em pequenos sofás lendo, famílias com filhos apontando para contos de clássicos, mais dentro da loja um

ambiente colorido onde os pais sentados contam histórias para seus pequenos, futuros leitores . No piso superior do lado da escada de madeira, alguns idosos sentados folheando receitas ou quem sabe livros de história do Brasil. Havia ainda outra seção com jovens comentando sobre as últimas aventuras dos livros de ficção

Ela continua ali parada convencida que não poderia existir cena mais linda.

Seus olhos se encheram de orgulho em saber que a alguns instantes estaria contribuindo ativamente para tornar essas cenas cada vez mais comuns...

...não era só por ter conseguido o emprego, mas por acreditar que ali era um templo sagrado do leitura do conhecimento.

- *Caramba, cheguei, hoje começa um novo ciclo Alice!* balançava a cabeça afirmativamente - *Sim, alice....um novo caminho a seguir!*

Difícil conter a alegria, ela sorri para si mesma, enquanto os seus olhos observam as prateleiras abarrotadas de livros, os atendentes com avental preto escrito **“Bem vindos a Leiamé”**.

Então, impulsionada pelo todo o ânimo que a invadia naquele instante ela dá o primeiro passo, pisa pela primeira vez no chão de seu novo endereço profissional.

Enquanto caminha alguns vendedores se aproximam oferecendo ajuda, ela agradece e continua até se aproximar a uma senhora que provavelmente deveria ser uma das responsáveis supôs Alice - *Ela tem cara de brava e é diferente de todos os outros, olha como ela se veste?*

Ao mesmo tempo :

- *Será que estou vestida adequadamente?* - susurra entre os dentes, enquanto vai se encaminhando até chegar a senhora.

Nesse dia tão importante, sua mãe tentara convencê-la em vir com um roupa elegante já que o estilo extravagante de se vestir no qual ela amava, não ajudaria muito naquela ocasião.

- *Eles não vão nem prestar atenção nos livros.* - Dizia com ironicamente sua mãe.

- *O que é isso querida? (diz sorrindo) deixa a menina escolher algo que goste.*

-*Sandro eu sei muito bem como são vocês homens, não ligam muito para roupas. Mas nós mulheres sim.*

Lá estava ela, numa calça jeans, uma blusa azul clara, bem mais discreta do que de costume, a não ser por um pequeno detalhe, a tiara enorme amarela com um laço tão grande que descia pela sua cabeça, contrastando com a sobriedade do conjunto .

- *Bem vinda Alice! bonita tiara.*

- *Ah muito obrigada! Que bom que a senhora gostou. Minha mãe não queria que eu viesse com ela...mas ela dá sorte pra mim sabe?*

- *Bem, fico feliz por você. Como é o seu primeiro dia quero alertá-la algumas regras que precisam serem lembradas. Ok?*

- *Sim, claro, sim..*

- *Os livros estão separados por categorias como já deve saber, depois por autor, letras de A a Z, em seguida a senhorita precisa verificar se os livros nos quais ficam espalhados estão em seus lugares, o que normalmente não acontece pois são deixados pelos clientes em qualquer lugar.*

- *Sim, entendi.*

- Ótimo, continuando, aqui é o balcão onde os livros são conferidos, quero dizer preço, lote essas coisas. Lembro a senhorita não deve retirá-los de forma alguma da sequência... certo?

- Certo, sim, claro.

- Muito bem, aqui estão o café e a lanchonete onde clientes costumam passar horas lendo e não devem ser incomodados jamais. OK?

- Ok, sim senhora.

- Aqui é a sala de livros eróticos...a senhora gosta?

- Não é meu forte, mas gosto sim...

- Bem, não é meu forte também, mas gosto se tiverem dentro de algum enredo policial...

- Ah são bons mesmo...desculpe eu esqueci o seu nome...

- Charlote...mas pode me chamar apenas de Charlô...

- Charlote, quero dizer Charlô, posso te perguntar uma coisa.?

- Claro filha...

- A senhora sabe me dizer se há um lugar no qual os livros que não são aprovados pelos analistas literários, são guardados?

- Filha, eles não são guardados por muito tempo..

- Como assim, eles não são devolvidos aos seus donos?

- *Você quer dizer dos autores?*

- *Sim, ou agente literário.*

Charlô se vira para Alice revira os olhos...

- *Os agentes literários? eles não aparecem porque ninguém quer recebê-los e quanto aos autores...bem...para esses eu acredito que eles já sabem...*

- *Já sabem?*

- *Sim...claro...*

- *Mas já sabem o quê?*

- *Já sabem que seus livros não voltarão mais para as suas mãos....*

Ela sai andando enquanto Alice a acompanha.

- *Alice venha comigo aqui quero te mostrar uma coisa.*

- *Sim...estou indo atrás da senhora.*

Charlô olha o relógio e em seguida sorri para Alice.

- *Vamos lá em cima no segundo andar...*

Sobem uma escada com vão de madeira bem trabalhada, passam alguns ambientes com prateleiras abarrotadas de livros, em seguida por extenso corredor que separa as duas galerias também com livros, até chegarem a uma porta com um aviso "**Apenas pessoas autorizadas**". Charlô abre a porta e seguem por um corredor que em sua maioria mantém salas com as portas fechadas.

No final há uma janela por onde a luz passa. É a única luz que ilumina o corredor naquele momento.

A porta da direita tem fixado a frase: Refeitório, logo em seguida, Sala de Reuniões, depois RH, por fim Diretoria.

Charlotte não para em nenhuma dessas, segue até uma sala com o nome "**Livros em análise**".

Charlô bate na porta e eis que surge um jovem de aproximadamente 25 anos, cabelos escuros repartidos do lado direito, alto e com olhos escuros.

O nome dele é Dante, trabalha sob a gerência de Ramon, catalogando e incluindo em um banco de dados todas as obras recebidas.

Dante as cumprimenta, recebe-as com um sorriso e logo em seguida ao perceber o olhar espantado de Alice diz:

- Como sempre lembro a todos que entram nesta sala a primeira vez segundo o Sr. Augusto, em momentos de escassez por grandes obras, deve-se ter registro de todas os livros enviados para análise, mesmo que não tenham sido lidos.

- Ufa! Talvez alguns que eu trouxe aqui estejam catalogados também.

Ele abre um sorriso novamente e após cumprimentos rápidos convida Charlô e Alice a entrarem.

Ao passarem pela porta, Alice se dá conta da vastidão de papeis alguns ainda sem capa organizados por um cima do outro por elásticos que estavam por sobre uma grande mesa de madeira

escura, outros envolvidos em sacos plásticos transparentes com o Título, Categoria, número de folhas, e nome do Autor.

As luzes dos abajures são suaves, duas poltronas viradas uma para outra trazem um sensação de que conversas acontecem frequentemente ali, e, talvez não faça tanto tempo, tem uma xícara, um cheiro de café no ar.

- Vejo que além de nós duas você teve mais visitas. – Charlô pergunta .

- Sim. - Responde Dante

- Imagino quem seja.

- Ele mesmo Charlô.

-Ele não perde essa mania de vir aqui todos os meses.

- Sim, e sempre que me descuido, quando vou ao banheiro ou até mesmo em alguns segundos que me distraio ao pegar uma caneta na gaveta. Ele some.

- Desculpe, mas de quem mesmo vocês estão falando?

- De ...

- Bem, em breve você ficará sabendo, mas não por nós..

A ausência de resposta deixou Alice ainda mais curiosa, que olhando para Charlô e para Dante percebe que não a encaram.

- Precisamos ir Alice, já está bom, acredito que tenha tido uma idéia ...

- Claro, tudo bem.

Saíram do mesmo jeito que entraram, quietas e com passos cuidadosamente silenciosos no chão sem fazer barulho.

- Neste corredor também estão localizados a sala do Sr. Augusto, uma sala de reunião e um pequeno refeitório que nas horas dos lanches se transforma em um ambiente descontraído ao contrário da maior parte do dia. - Completa Charlô encerrando a vista ao piso superior da administração da Livraria.

A livraria funcionava também a noite, Alice iria trabalhar até as dezesseis horas, com um intervalo para almoço, mas ela estava tão empolgada que durante os dias que se seguiram ela não parava quase para descansar.

Estava encantada como nunca imaginara, vendendo livros.

Esse prazer em estar ali foi refletido em seu comportamento solícito, amável e carismático.

Aos poucos foi conquistando a todos.

O Sr. Augusto não a observava diretamente, mas acompanhava o seu desempenho através dos relatórios que mostravam sua evolução nas vendas que ela fazia.

Era espontânea, isso a fazia cativante.

∞ ∞ ∞

- Olá, a senhora precisa de ajuda? - Pergunta Alice para uma senhora com aparência delicada, vestida com trajes um tanto que incomuns aos usados habitualmente pelos fregueses que frequentam a livraria. Ela estava usando um chapéu marrom, um vestido verde escuro com chale em volta do ombro, um colar da mesma cor do chapéu e de bengala, estava acompanhada pelo um homem sério que não saía do seu lado, como uma sombra.

- *Olá querida, tudo bem?*

- *Olá tudo ótimo e com a senhora?*

- *Está tudo bem, sim...veja que você é nova aqui?*

- *Sim, sou sim...meu nome é Alice e o da senhora?*

- *Pode me chamar de Helena. Estou procurando meu filho.*

- *Claro, seu filho, posso ajudar, vou pedir para anunciarem no alto-falante, assim o encontramos mais rapidamente. Qual é o nome do seu filho por favor?*

- *Augusto Schmidt .*

Como em um estalo de dedos Alice se dá conta com quem estava falando.

- *Meu Deus dona Helena Schmidt, eu não sabia...eu juro...*

Helena Schimidt mantinha grandes virtudes, conhecida no meio da alta sociedade paulista como benevolente, caridosa e amável.

Toda a família veio para o Brasil ela de origem alemã e o marido polonês, ainda jovens se casaram no Brasil, um casamento um tanto conturbado.

Ela não fala nada sobre seu passado, mas contam que as fronteiras entre Alemanha e Polônia foram modificadas várias vezes, em territórios fronteiriços que ora pertenciam à Alemanha e ora pertenciam à Polônia.

Nos períodos em que este território fronteiriço pertencia à Alemanha, ocorriam migrações em massa de alemães para esta região, de modo a assegurar sua propriedade para a Alemanha.

Por vezes ocorriam casamentos entre alemães e poloneses, fazendo com que algumas famílias polonesas adquirissem

sobrenomes alemães, ou famílias alemães adquirissem sobrenomes poloneses.

Quando os períodos de ocupação terminavam, nem todos os imigrantes alemães ou poloneses voltavam para dentro das novas fronteiras definidas para seus países, fazendo assim com que dentro da Polônia se encontrem sobrenomes tipicamente alemães, ou dentro da Alemanha sobrenomes tipicamente poloneses. Por fim, algumas destas famílias acabaram emigrando para o Brasil como foi o caso dos Schimdt.

No Brasil, ela e o marido que sempre foram fascinados pelos livros, abriram uma pequena banca de revistas e jornais de uma folha apenas. Anos depois graças ao olhar visionário dos dois, perceberam que poderiam investir também na venda de livros, aconteceu o que previam, a livraria foi crescendo a passos largos, eles precisaram contratar mais pessoas e aumentar o espaço criando-se parcerias com editoras.

- Olá dona Helena. Que bom ver a senhora aqui! Suponho que deva estar a procura do Senhor Augusto? - se aproxima sorridente e afastando Alice, Olavo, o gerente mau encarado mas diante de qualquer membro da família Schmidt se derretia em gentilezas.

- Olá Olavo, não precisa me levar não. Estava conversando com essa menina simpática aqui.

Enquanto as duas se olham sorrindo, Olavo não sabe o que faz.

- Que bom, que bom... - diz como única alternativa, colocando as mãos no bolso. - mas eu posso encontrá-lo para a senhora, não quer vir comigo?

- Pode deixar meu querido ela me leva.

Os olhos do Olavo se transformam instantaneamente em pequenas labaredas de fogo. A escolha de dona Helena pela companhia que não era a sua o fez parecer diminuir de tamanho diante do carisma simples de Alice.

Sem ter muito o que fazer ou dizer para amenizar a frustração do Olavo, Alice dá o braço para dona Helena e as duas saem pela loja conversando como se a muito tempo o fizessem.

Capítulo quatro

A tardes, por volta das três horas era servido um lanche no refeitório livraria, era algo social muito mais do quê um simples cafezinho. Os funcionários da livraria usavam este momento para se conhecerem melhor, trocar confidências, confraternizarem, descansarem. Para Alice estar ali por si só já era motivo de alegria, finalmente ela iria receber no final do mês dinheiro para ir quitando as dívidas que contraiu com o lançamento de "O justiceiro do amor".

- Olá Alice, está gostando ?

- Oi Dante, claro que estou....vai se sentar onde ?

- Posso sentar aqui se não estiver esperando ninguém.

Ela já havia visto Ramom que não tirava o olho dela, sentado logo na mesa a sua.

- Claro por favor, sente-se.

Assim que se sentou e mordeu m pedaço de pão com bacon, sorriu .

- Vocês todos trabalham aqui a muito tempo?

- A maioria.

- Poxa que legal, significa que é bom não mesmo?

- Sim, temos muitas coisas que aprendemos e outros que já sabemos - diz sorrindo.

- Não entendi....

- É assim, precisamos dominar as áreas que somos designados por exemplo, se você for trabalhar com a literatura tem que conhecer os autores, as obras mais famosas, aquelas que acabaram de chegar e já estão bombando entendeu ?

- Ah sim, agora eu entendi. Já imaginou se eu vou trabalhar com informática e não sei o que é um mouse. (risos)

- Já pensou....o senhor Augusto não vai gostar nadinha....

- Nem me fale...(risos)

Enquanto lancham, na porta do corredor parado está um homem que olha para dentro do refeitório com atenção.

Algumas pessoas olham para a sua direção, inclusive Alice.

- Quem é ele?

- Quem?

- Aquele que estava na porta, olhando para dentro.

- Ele é um dos filhos do Senhor Augusto.

- Não sabia que ele tinha filhos.

- Sim, aquele é o Henrico, trabalha diretamente com o Sr. Augusto nos negócios, ele irá se casar em breve com a famigerada Mônica - ele abre os braços como se estivesse se referindo a um fantasma.

- Nossa, espero não a conhecer. Você falou dois...mas e o outro filho?

Dante levanta da cadeira e desconversa.

- Acho que já deu nosso tempo....já está na hora não é mesmo?

E levantando-se ela notou que Ramom havia saído com Henrico.

Aos poucos a sala do refeitório estava vazia, os corredores do segundo andar permaneceram em silencio como na maior parte do dia.

Apenas a sala do Sr. Augusto estava com a luz acesa.

Ele, sentado em uma poltrona de couro marrom, com algumas fotos sob a mesa.

A luz do abajour clareia o sorriso de duas lindas crianças em uma foto antida, já desgastada pelos anos.

São seus filhos, Jonatam o mais velho, Henrico o mais novo. Ele coloca todas as fotos em uma sequência cronológica que o faz mergulhar em recordações.

- Essa nós tínhamos viajado para o Recife. - Um sorriso sincero é acompanhado de alguns lampejos de memórias detalhadas das frequentes viagens que faziam quando os filhos ainda eram pequenos.

Ele segura uma foto no qual os dois estão correndo e jogando a água do mar para o alto. Depois tem outra que eles estão fazendo castelos todos sujos com a areia molhada. Uma outra foto que o emociona é uma na qual estão com ele e a esposa Ana abraçados em momentos de plena felicidade em um almoço na varanda do apartamento no Recife.

Ele continua com as lembranças.

- A formatura, Henrico não queria vestir essa roupa..(risos) , mas não é que ficou estranho mesmo?

Ah, essa foi no baile, aqui estão os dois com os amigos, bebendo sorrindo, lindos.

De repente do silêncio surge uma voz feminina, era Ana.

- Sim, eles são lindos...continuam lindos.

- Ana, o que faz aqui querida?

Ele levanta enquanto ela pede que continue sentado.

- Quero olhar com você as fotos.

Se aproximando do outro lado da mesa, ela segura algumas fotos, enquanto ele a olha como se tivesse sido apresentado a ela naquele momento.

- Você também...

- Não entendi?

- Você permanece tão linda quanto a quando nos conhecemos...

Ela baixa a cabeça sorrindo.

- Por favor não comece...

- Olha essa foto que linda, estamos na chácara Santo Antônio, lembra?

- Sim, aqui o Jonatam sempre o mais espirituoso correndo a cavalo como um desesperado.

-É verdade, eu fiquei com tanto medo. Lembra que quase caiu nesse dia?

Augusto aquiesce com a cabeça

- Aqui está ele com aquela namoradinha...como era o nomes mesmo?

- Dani, Daniele...

- Sim é verdade, ela era bem bonita não?

- Eu nunca achei...

- Ana, você sempre implicou com as namoradas dos meninos.

- Verdade....

Um pouco de silêncio....

- Olha o Jonatam....

- Como assim? o que tem ele.

- Ele nunca namorou firme com ninguém, agora eu ...

- Por favor Ana, não conclua a frase que sei que irá dizer.

Ela começa a chorar, ele se levanta e vai até ela a tomando pelos braços.

- Vai ficar tudo bem...nosso filho vai ficar bem.

As luzes da livraria aos poucos vão se apagando, os funcionários estão fechando os últimos saldos do caixa para enfim irem todos embora.

- Acho que está na hora de irmos também, não acha?

- Verdade....

Ele segura e beija sua mão.

- Aceita um café ?

Um suspiro longo em seguida um tímido sorriso.

- Como nos velhos tempos?....você não perde o charme, não é Sr. Augusto?

- Você não deixará se ser dama nunca, não Sra. Ana.

Enrubescida ela aquiesce.

- Vamos sim....Acho que estou precisando...-

Capítulo cinco

Alice, entrou correndo pela grande passarela que liga uma ala a outra da livraria, uma cadeira de rodas no meio da passagem a impede de seguir.

Sentado na cadeira está um homem de costas aparentemente lendo, ou possivelmente escrevendo...

...Meu Deus e agora?...

...o cliente vai embora e eu preciso passar

...ele não se mexe...

...será que está tudo bem ?

...certo, calma...você precisa de calma...

...um pouco angustiada, aflita para abrir passagem sem machucá-lo...

- Moço, moço! Com licença. Preciso passar!

- Ele continua com a cabeça baixa.

Ela toca com o dedo indicador em suas costas. Os pensamentos continuam a conversar com ela mesma.

"Talvez deve ter tido um mal súbito ou quem sabe um desmaio pela altura, afinal de contas, como ele subiu até aqui?"

- Moço por favor eu vou ter que passar e por isso vou manobrar a cadeira tudo bem?

- Não precisa.

Então a cadeira de rodas começa a se movimentar e como em um passe de mágica se vira completamente com uma prestreza que não deu tempo dela acompanhar os movimentos.

Ela o reconhece....

Café Paris...sim... primeiro dia de trabalho, lindo ...

- *Ah, obrigada....obrigada...*

A primeira impressão que acabara de ter é a de descrédito vendo que aquele rapaz tão lindo, no qual ela tinha se encantado, estava em uma cadeira de rodas.

"...meu DEUS!!!"

Segurando o ímpeto de fazer perguntas, ela dispara:

- *Desculpe moço, mas sabe como é eu tenho que atender uns clientes lá embaixo antes que saiam da loja. E ...*

- *E...?*

- *Estou morrendo de vontade de fazer xixi....*

Diz bem baixinho quase imperceptível ficando a altura da cadeira.

Ele faz sinal com a mão para que ela se aproxime até ele.

- *Você quer fazer xixi aqui?* - ele responde enquanto se ajeita na cadeira sorrindo.

Ela olha aflita para os lados no mesmo instante que alguns clientes também o fazem.

- *Não, não...não falei isso...*

Ele sorri.

- *Falou sim...*

- *Meu Deus, você pode me dar licença por favor.*

- *Claro, claro... - diz se afastando abrindo o caminho para ela que passa como um rojão ao seu lado.*

- *Bom perfume !*

Sem olhar para trás Alice já está no final da escada.

Ainda sem acreditar, meio desconcertada ela termina o atendimento aos clientes e Regina a toma pela mão.

Parada um pouco no vão da escada parece estar passando mau.

- *Oiiiiii - Regina se aproxima sem que ela perceba.*

- *Oi Regina, estou sim. Um pouco indisposta.*

- *Você viu quem não tira os olhos de você?*

Não, de quem você está falando?

E quando ela percebe, Ramon e Olavo não desgrudam os olhos nela, enquanto tomam café.

- *Aí que ódio....*

- *O que foi Regina?*

- Eles são terríveis....

- Como assim..?

- Espere eles saírem e você volta aqui que eu te contarei tudo, ou melhor, vamos tomar um café lá no refeitório?

- Sim vamos - Asquiesce Alice.

- Mas não deixe-os que nos vejam falando sozinhas, ok?

- Não entendi, mas tudo bem. Vou subindo para levar uns livros.

Algum tempo depois, Alice já dentro do refeitório se serve de café e senta-se.

- Oiii? - Regina abre a porta rapidamente e pede para se sentarem mais para o fundo da sala.

- E aí Regina me conta tudo, eu estou apreensiva aqui.

- Bem, preciso primeiro um café...

- Fiquei preocupado viu? Já faz tempo que eles me assediam mas

- Mas fique longe Alice, eles são carnívoros....(sorrisos)

- Como assim?

- Você já deve ter ouvido falar de Vanessa?

- Sim, acho que ela saiu antes de mim, e esse foi um dos motivos que surgiu a vaga para que eu viesse trabalhar com vocês, não foi?

- Mais ou menos.

-Hã?

- A questão da vaga você está certa, porém a questão do porquê ela saiu aí é outra história.

- Agora eu fiquei mais confusa.

- É assim, o Olavo assim que ela chegou aqui começou a dar em cima dela, e ela cedeu. A princípio eu pensei que ele era sem-vergonha, mas descobri que ela era mais ainda.

Com as mãos sob a boca Alice arregala os olhos.

- É, ela andava de com a blusa desabotoada se ensinuando para ele e os dois tiveram um caso. Viviam se pegando aqui, na escada , no almoxarifado. Até o o dia que o Renam entrou em cena.

- Meu Deus.!

- Sim, o Renam presenciou os dois agarrados e daí para frente passou a assediá-la também.

- E aí?

- *Aí que ele ficou com os dois.*
- *Não?*
- *Verdade, eles saíam os três. E aquele cafageste do Renam nunca mais me procurou.*
- *Amiggggaaaaa?*
- *É , eu fui perdidamente apaixonada por aquele lindo vigarista.*
- *Nossa, eu estou pasma.*
- *Conclusão, a história chegou aos ouvidos do Sr. Augusto que a demitiu sumariamente.*
- *Hã? E os dois ficaram?*
- *Sim, eles são homens de confiança e trabalham desde que Sr. Augusto abriu a Livraria. No quesito competência dificilmente o Sr. Augusto abriria mão deles.*
- *E a moça?*
- *Segundo contam as más línguas ela continua saindo com os dois.*
- *Impossível?*
- *Nada é impossível amiga, por isso tome muito cuidado com qualquer um deles. São lobos vestidos de orvelha.*

∞ ∞ ∞

O final do dia havia chegado, ela já estava voltando para casa, no ônibus, com a cabeça atordoada das histórias que a Regina havia passado para ela, por outro lado a imagem dele, do homem na cadeira de rodas não saía de sua memória lhe fazendo companhia durante todo o trajeto e também no decorrer daquele final de sexta-feira .

Afinal quem era aquele engraçadinho?
Engraçadinho lindo....
...parece um príncipe em uma cadeira de rodas...
Não posso e não devo me apaixonar....preciso me concentrar no trabalho....
...mas ...
...mas ele mexeu comigo.
- pare Alice!

...agora!....

∞ ∞ ∞

Segunda-feira abril de 2012,

06:45 da manhã.

-Jonatam acorde! Vamos perder o voo e o papai já está nos esperando lá embaixo!

- Acorda!!!

- Para Henrico! fala para o papai que eu não vou!

- Você está louco? Ele te mata....(risos)

Jonatam se senta na cama enquanto o seu irmão joga uma almofada em seu rosto.

E era verdade, Sr. Augusto já estava em frente do carro pronto para irem ao aeroporto.

Hoje será um dia memorável - afirmou para si balançando a cabeça afirmativamente - um dia desses que entrará para a história de nossos negócios. Meu velho você iria se orgulhar de mim.... sim...iria sim.

Enquanto estabelece esse monólogo otimista consigo mesmo, os dois filhos surgem descendo a calçada da varanda. Henrico arrumado para a viagem com sua mochila nas costas e um boné azul escuro dá um beijo no pai e já vai abrindo a porta se acomodando no assento de trás do motorista.

Enquanto isso, desce vagarosamente Jonatam, bocejando com cara de sono, os cabelos assanhados esvoaçam com o vento que sopra, a mochila ainda está aberta e a camisa sem fechar os botões.

- Bom dia para você também Jonatam?

- Bom dia pai...poxa porque temos que ir tão cedo.

- Entre no carro e vá se arrumando, já estamos atrasados, conversamos no caminho.

O avião iria decolar as 08:00 horas e o percurso até o aeroporto era tenso com muitos sinais, muito trânsito e sobretudo longos

congestionamentos.

- *Pai, a gente precisa ir mesmo?*

- *Jonatam não é possível que você esteja me perguntando novamente sobre se é importante ou não irmos a esse evento. Irei repetir pela última vez ok?*

Claro que é, nós ganhamos o mais alto reconhecimento que uma livraria pode ganhar e isso vai impactar diretamente os nossos negócios.

- *Ok, ok...não precisa ficar bravo.*

- *Eu não estou bravo, estou furioso, você diferente de seu irmão não liga para absolutamente nada.*

- *Pai, espera um pouco...*

- *Espera você! Seu irmão já está pronto a muito tempo, você como sempre só pensa em você.*

Estão dentro do carro enquanto o

- *Será mesmo pai? Você sabe que eu não pedi para ir a esse evento. Você sabia que eu tinha confirmado minha participação no jogo de futebol da minha equipe hoje... o senhor sabia disso e nem se interessou em me perguntar porque eu queria tanto participar. Não é mesmo? quer mesmo saber, eu gostaria de estar jogando e não indo viajar?*

Enquanto discutem no carro, o trânsito continua aumentando e cada vez mais difícil fica a ultrapassagem.

- *Não é possível, não vai dar tempo. A vontade que eu tenho é de meter a mão Jonatam. Por sua causa vamos perder o voo.*

- *Vai mais devagar pai...pai...pa!!!*

Foi a última frase do Jonatam antes dos vidros do carro serem estilhaçados com impacto que receberam do lado do passageiro.

Uma fumaça densa se espalhou rapidamente dentro da cabine se tornando homogênea com a névoa da manhã que se espalhava pela avenida que seguiam.

Era impossível calcular a gravidade da batida nos ocupantes do Mercedes preto que estava completamente amassado.

Uma buzina alta havia prenunciado o que em segundos aconteceria, o carro no qual Sr. Augusto conduzia estava totalmente virado de cabeça para baixo em frente de mais dois carros destróçados.

Ele havia se destraído e colidido atrás de outro carro que parou com o choque, atrás vinha vindo outro carro em alta felicidade que também bateu atrás do carro dele provocando um engavetamento horroroso.

A porta do lado, no qual ia sentado Jonatam estava completamente esmagada.

Impossível imaginar que alguém ali teria sobrevivido.

Ainda era possível ver o Jonatam inconsciente entre o banco do passageiro e o paniel, o encosto do banco havia cedido e se aproximara violentamente da frente.

Apoiado ao cinto de segurança, Henrico abria os olhos com dificuldade e começava a conceber o que teria acontecido...um súbito desespero toma conta do ambiente enquanto pessoas chegavam por todos os lados, carros paravam no acostamento, uma pequena multidão se aglomerava na esperança de prestarem socorro.

Enquanto vozes gritavam inconsoláveis, choros compulsivos transformavam aquela cena semelhante a campos de guerra.

A única fala perceptível nos momentos que se seguiram foi a do Sr. Augusto suplicando para cuidarem dos seus filhos.

∞ ∞ ∞

As sequelas não foram apenas emocionais mas físicas também .

O médico da família Dr. Estevão, experiente e cauteloso, estava de prontidão desde o primeiro dia no qual Jonatam dera entrada no hospital.

- Pode falar Estevão...me fale por favor, não me esconda nada...eu aguento. Eu preciso aguentar.

Sr. Augusto já estava aguardando uma posição clínica desde cedo da manhã, o consultório ficava no próprio hospital, ali mesmo eram submetidos os pacientes em níveis críticos de saúde para serem acompanhados de perto.

Sra. Ana, segurando a mão do Sr. Augusto se esforça para mander a calma.

- *Calma amor... estamos juntos...vai sair tudo bem...nosso menino vai aguentar...*

O Médico chega olhando para os exames e radiografias.
Para diante dos dois que ficam calados aguardando sua fala.
Ele levanta os olhos em direção deles e começa a explicar.

- Bem é o seguinte. Estou analisando o raio-x que acabamos de tirar, só para que saibam e fiquem tranquilos ele está estável, já está consciente e quer vê-los em breve. Antes preciso prepará-los para as perguntas que porventura Jonatam venha a fazer.

- Sim, sim...por favor vá direto ao assunto.

- Ana....Augusto....sinto muito ter que dar essa notícia a vocês, mas

- Ele não vai voltar a andar?

Por alguns instantes os olhos do famoso e respeitado médico ficam vermelhos, como se uma lágrima estivesse travando uma verdadeira batalha para não cair.

- Sim....

- Oh nãooooooooo.....por favor....diga que não é verdade...

Augusto se levanta enquanto com as mãos na cabeça grita, querendo não acreditar no que acabara de ouvir...

- Não....não....

Ana se levanta, segura-o pela mão....

- *Augusto.....Augusto....*

- *Não pode ser querida....não pode ser.....*

- *OLhe para mim.....olhe para mim Augusto.*

Custou para que o desespero fosse substituído pela serenidade.

- *Eu também estou desolada, estou praticamente acabada....mas nosso filho precisa de nós dois firmes, fortes...ele precisa da gente...*

Ela o envolve em seu abraço e os dois choram como duas crianças.

- Sim...ele precisa de nós.

Longos minutos se passaram.

Dr. Estevão continuava na sala também, tentava com sua presença minimizar a emoção da família que estava ali desconsolada. Por alguns instantes ele imaginava os próprios filhos, a esposa e em questão de milésimos de segundos reavaliava tantas oportunidades que por bobagens são desperdiçadas. Novamente veio a tona a certeza da efemeridade da vida, a importância que deve-se ter em estar presente, ou se fazer presente na vida das pessoas que amamos. Amanhã pode ser tarde demais.

De volta a cadeira, Sr. Augusto senta-se, se recosta, suspira e...

- Bem, desculpe meu amigo...mas é muito difícil...

- Eu sei, eu imagino....

continua com teor de expliação...

- Vocês precisam saber sobre o que ele tem, será necessário para poderem auxiliá-lo a superar as dificuldades que irão surgir pelo caminho.

A paraplegia, tal como a tetraplegia, é resultante de uma lesão medular. Este tipo de lesão classifica-se como completa ou incompleta, dependendo do fato de existir ou não controle e sensibilidade abaixo de onde ocorreu a lesão medular. A paraplegia traduz-se na perda de controle e sensibilidade dos membros inferiores, impossibilitando o andar e dificultando o permanecer sentado.

Normalmente as lesões que resultam em paraplegia situam-se ao nível da coluna dorsal ou coluna lombar sendo que quanto mais alta for a lesão maior será a área de impacto, abrangendo o controle

e sensibilidade, uma vez que a medula é afetada. Após uma lesão medular da qual resulta paraplegia é possível que os membros afetados deixem de receber permanentemente qualquer tipo de estímulo, tornando os músculos flácidos, o que acarreta uma acentuada diminuição de massa muscular facilmente visível. Em determinados casos ocorre um fenômeno denominado espasticidade o qual ainda não é totalmente compreendido pela comunidade científica. Este fenômeno mantém os músculos ativos através de movimentos involuntários, os quais no ponto de vista da pessoa afetada tornam-se incômodos e em determinadas situações limitar a vida ativa, ou até mesmo impossibilitá-la.

- Qual o nível ou em qual situação ele se enquadra doutor?

- Ainda é cedo para determinarmos qual é o nível de gravidade que ele se encontra, mas podemos assegurar que voltar a andar está fora de perspectiva.

- Meu Deus.... - Sra. Ana abaixa a cabeça e chora.

- Sabe Sra. algumas coisas não nos ensinam na Faculdade, e essa é uma delas, infelizmente só aprendi com a vivência muitos anos após me formar. Eu tenho o dever de ser sincero...

Pausa...

- Ele não irá andar mais.

Todos que estão no consultório se emocionam.

- É isso....então é isso....

- Sim é isso que eu queria que vocês soubessem e se preparassem.

Sr. Augusto volta seu corpo para sua mulher e indaga com os olhos encharcados de lágrimas.

- E como será daqui para frente querida.

- Eu não sei Augusto...eu não sei...

Encostando a cabeça no ombro de Augusto, Ana também desaba de emoção.

∞ ∞ ∞

Capítulo seis

Desde tenra idade Jonatam sonhava em se tornar um jogador profissional, ao contrário do irmão cujo ambição era trabalhar nas empresas do pai.

Jonatam herdara do avô sua inclinação para os desafios, debravar fronteiras, superar limites.

Seu quarto era repleto de expressões de liberdade materializada em fotos de suas aventuras, como escaladas nos alpes suíços, sua passagem na Amazônia com a turma do futebol, além dessas memórias fotográficas, na mesma estante do quarto que estavam alguns troféus, havia na parte superior escondida em uma grande gaveta livros, vários livros que ele lia sem que o pai soubesse, livros que ele guardava para si, para todos os momentos.

Normalmente lia mais de um por mês, compulsivamente. Seus pais nunca desconfiaram.

O motivo para não expor seu amor pelos livros tinha uma razão.

Para Jonatam eles, de certa forma, eram a razão do distanciamento do seu pai com a família.

Realmente, fazia sentido.

O seu Augusto, não tinha tempo para nada a não ser para os negócios, não conhecia os gostos e os sentimentos dos filhos, raramente sentava tranquilo para um dialogo aberto, reproduzindo sempre a mesma oratória, que era trabalho, trabalho, trabalho.

De certa forma, tanto Jonatam quanto Henrico se debruçavam na atenção e no carinho da mãe, que não os largava, protegendo-os como uma leoa.

Estudaram no mesmo colégio e não repetiram de ano, ambos gostavam de matérias humanas, mas em uma coisa se distanciavam, quando se tratava dos negócios da família.

Para o mais velho, Jonatam, era um assunto descartado, já para Henrico seria o seu futuro.

Eles cresceram e até o dia do acidente, não discutiam quase nunca, apesar de torcerem por times diferentes, gostavam do mesmo tipo de música, o estilo de filmes. Eram unidos.

Logo após o ocorrido, Jonatam se trancou em um mundo apenas dele, não permitindo mais que o irmão fizesse parte. Um período complicado surgiu com a mudança da maneira com que encarava a

vida até ali. O que outrora o confortava, como sair correndo, viajar sem dia para voltar, academia, o surfe com os amigos no verão, os campeonatos de futebol, agora eram um passado distante e inacessível.

Era capaz de se levantar em seus sonhos e gritar para todos de casa que havia acontecido um milagre, que ele poderia andar e que estava tudo nem dali em diante.

Ao acordar preso em sua cama sem conseguir nem mesmo ir ao banheiro, se sentia trancado em uma masmorra de lamentação e o silêncio que nunca vinha sozinho, sem acompanhava a solidão dentro daquele quarto, que se tornou o seu mundo.

Foi ali, que naqueles momentos os livros voltaram a fazer parte de sua vida definitivamente.

Sua mãe, era a única que sabia, a única que podia entendê-lo, a única que podia acompanhar esse processo de resnascimento que estava emergindo das cinzas do seu obscuro temor.

∞ ∞ ∞

Novas perspectivas

- Bom dia filho!

Sra. Ana abre a cortina de cor branca permitindo que os raios do sol toquem o rosto de Jonatam.

- Ah mãe!!!

- Sim, sim..já é tarde... Você pediu para que eu te acordasse cedo para você terminar seu livro. Aliás precisamos conversar sobre ele.

Jonatam esfrega os olhos em seguida sorri para sua mãe, que aperta um pequeno botão do lado direito da cama fazendo com que metade dela seja erquida reclinando-o para frente.

- Como você está linda mãe!

Ela sorri segurando uma bandeja com frutas e um copo de suco de laranja.

- Ah...você é suspeito demais falar que eu estou bonita.

Jonatam segura a bandeja e põe a mão sobre a mão de sua mãe.

- Mãe, você é a mulher mais bonita que eu conheci.

Ela imediatamente enrubesce e sorri ao mesmo tempo.

- Está bem, ou vou acreditar, só porque é você.

- Agora está na hora do senhorito comer e em seguida Macedo virá ajudar você a tomar banho, se vestir e mãos a obra garoto.

Eles ficam sorrindo como dois apaixonados.

- Está muito bom isso aqui mãe.

- Eu sei, fui eu que fiz....

Sorriem...

- O que a senhora queria falar sobre o livro.

- Filho, eu li até a última folha e....

Jonatam engole o pedaço de maçã quase sem mastigar e arregalando os olhos pergunta

- O que foi mãe, está ruim? conta logo por favor

-Está maravilhoso. Eu não consegui parar de ler. Você não sabe o poder que tem com essa caneta na mão filho.

Meu Deus, está divino, excedeu todas as minhas expectativas.

- Mãe por favor, seja sincera, a senhora que me incentivou a escrever, juro que eu estou inseguro.

- Se a sua insegurança se traduzir nos textos que você escreve, então sr. Jonatam, continue inseguro.

Os seus olhos brilham de alegria contagiando os dois.

- Eu não sei mãe....eu não sei....o que acontece comigo, as palavras elas vem tão naturalmente, tão mecanicamente que eu não consigo parar, é algo além de mim, além das palavras sabe?

É algo que transcende o meu físico, minha razão....

Sra. Ana está sentada ao lado do filho nitidamente impressionada e do mesmo modo orgulhosa por ser umas das incentivadora nesse processo.

- Filho você está se encontrando com você mesmo. Não é o seu estado físico que pode limitá-lo. Você tem outros meios, até mais bonitos de conquistar seus sonhos chegando ao coração das pessoas e não precisa de suas pernas para isso.

Jonatam se encosta no travesseiro e solta um grande suspiro como se estivesse aliviado não apenas pela aprovação de sua mãe, mas por estar cada dia que passa, envolvido com a escrita, com os livros.

- Seu pai ficaria orgulhoso em poder ler o que você escreve..

- Por favor mãe, já conversamos sobre isso. Meu pai não tem tempo nem para sentar a mesa com você.

- Não é verdade, ele está melhorando.

- Quando? Em alguma comemoração, algum aniversário. Não é mãe, ele não se importa, e se souber que estou escrevendo um livro com certeza irá querer tirar algum proveito financeiro do "meu filhinho aleijado que escreve"

- Por favor Jonatam,não comece. Eu não quero ter que pedir para você parar de implicar com seu pai. Ele te ama muito, está sofrendo muito e o trabalho é como uma terapia para ele, como escrever está sendo para você agora.

Um lampejo trouxe um resquício de possibilidade na qual ainda não tinha refletido antes, quando em suas crises, acusava o pai pelo acidente, que se sentido de alguma maneira se fechava ainda mais para o filho.

O olhar da sua mãe, a maneira que ela encarava as coisas de forma tão resiliente lhe inspiravam .

Realmente fazia sentido o que sua mãe acabara de dizer.

E se ela realmente esteve certa...

Jonatam volta a refeição sem falar mais nada, ele não tinha intenção de pensar muito sobre o assunto.

Em sua percepção a imagem era do pai omissa, negligente e o pior para ele "do pai ausente".

Capítulo sete

A livraria estava sendo ampliada pela segunda vez no ano, mais um ambiente iria ser criado, seria um pequeno anfiteatro climatizado que contaria com mais de 150 cadeiras confortáveis almofadadas, com recurso de vídeo e áudio além de jogo de luzes, a mesma usada nos grandes teatros.

Muitos materiais de construção estavam sendo trazidos pelos fundos da livraria, um grande banner com a novidade era exposto no centro da livraria. Clientes esbanjavam interesse pela data que abriria, funcionários também na expectativa ansiavam por isso.

Regina a funcionária antiga que se tornara uma das grandes amigas de Alice, já havia confidenciado que ela receberia uma excelente notícia em breve.

Durante quase toda a semana Alice não parava de brincar com Regina sobre a notícia que para ela seria reencontrar com o famoso *príncipe de cadeiras de rodas*.

Em um sábado a tarde, ela estava servindo café para um casal de clientes já acostumados com o seu jeito espontâneo e que exigiam ser atendidos sempre por ela.

Finalmente chegara a hora da notícia.

- *Psiu!!! Alice você pode vir até aqui?*

- *Claro, um minuto.*

- *Queridos, vocês podem me dar licença uns minutos.*

O casal aquiesce concordando com um sorriso.

Regina está quase pulando

- *Vem comigo!*

- *Calma Regina, o que houve?*

- *Menina, você lembra quando eu te confidenciei que você seria promovida?*

- *Nossa! lembro sim, eu nem estava mais crente que isso era verdade.*

- *Pois é, eu falei para você que eu tinha ouvido um zum zum zum lá próximo ao refeitório.*

- *Você ficou ouvindo conversa na sala do Sr. Augusto?*

- *Bem...quase isso...mas vamos lá, é hoje.*

- *O quê?*

- *Sim, o Olavo acabou de me pedir para te levar na sala dele.*

- *Caramba.*

- *Caramba o quê amiga?*

- *Sabia que ele está me pedindo para e lá e pode ser para me despedir? ou....*

- *Sua boba, claro que não..o Sr. Augusto não estaria no meio de qualquer coisa errada.*

pronto chegamos...

Ela bate na porta e já entra com Alice.

- *Olavo eu trouxe Alice .*

- *Ah, sim...um minuto por favor.*

Alguns segundos depois de atender uma ligação

- *Olá como vão, tudo bem Alice?*

- *Tudo bem Sr. Olavo e o senhor?* - disse meio resistente por saber de seu comportamento com algumas funcionárias.

- *Tudo bem.*

- *Sente por favor.*

Antes que Helena sentasse.

- *Helena, eu preciso falar a sós com Alice se você não se incomoda?*

- *Claro que não, claro que não.....*

Helena dá um tapinha nas costas de Alice que olha para ela e fica observa Helena enquanto se retira, vê-la dando um soquinho no ar .

- *Desculpe Sr. Olavo.*

- *Sem problemas,*

Alice vou direto ao assunto.

- *Meu Deus!*

- *Não fique preocupada, pelo contrário fique feliz.*

É o seguinte, o Sr. Augusto me pediu para lhe comunicar que a partir de hoje a senhora irá ser a responsável pela área do novo ambiente que foi criado e que servirá também de Anfiteatro, ou seja, cuidará livros que serão vendidos em frente até a organização nos dias de eventos.

- *Nossa, vou ser promovida? é isso?*

- *Na verdade será como um novo departamento, precisará de alguém para cuidar. Também terá sob seu comando duas auxiliares.*

Ela dá um pulinho na cadeira.

- *Meu Deus, não acredito! Meu Deus...obrigada Sr. Olavo, obrigada viu?*

- *De nada Alice, mas acho que é mérito seu, o Sr. Augusto tem acompanhado seus bons resultados durante esses meses e com certeza fez uma boa escolha. Se quiser pensei que poderíamos comemorar depois do expediente, o que me diz?*

- *Ah, nossa, eu gostaria mas preciso ir para minha casa, preciso mesmo.*

- *Tudo bem, fica para a próxima, de qualquer forma seja bem vinda a seu novo posto de trabalho. Passe depois no almoxarifado e pegue o seu novo uniforme, você começa amanhã mesmo.*

Ele levantou tentando trazer seu rosto para próximo do dele com intuito de beijá-la, mas se esquivando Alice saiu o mais rápido que pode.

Apesar do assédio ella saiu da sala do Olavo com uma alegria que não cabia em si, passou pela em frente a sala do Sr. Augusto e andou mais alguns passos parando, em seguida, deu meia volta e tocou na porta da sala dele.

Toc toc toc

-*Olá, Sr. Augusto?*

Ela já vai entrando ...

- *Quem?*

Ele surge enxugando as mãos, Henrico que também está na sala levanta a cabeça para prestar atenção em Alice.

- *Oi Alice!*

- *Desculpe vir sem avisar, eu não sabia que o Sr. Henrico estava aqui mas eu precisava agradecer a indicação para a vaga de responsável pelo piso superior onde será o Anfiteatro.*

- *Ah, claro, você fez por merecer. Eu não costumo esquecer quem não esquece de fazer o que tem que fazer.*

- *Ufa, obrigada mais uma vez. Então já vou indo...*

- *Alice...*

- *O que eu quis dizer é que você faz o que tem que fazer muito bem.!*

Os olhos de Alice pareciam duas chamas que resplandeciam o contetamento, um elogio do homem responsável por ela estar ali, por tudo de bom que estava acontecendo era um prêmio.

Ela desce as escadas como quase voando, volta até os clientes que ainda estão a aguardando que percebem a sua alegria e com ela comemoram sem que ele externasse o motivo.

∞ ∞ ∞

Palavras nem sempre necessárias

Porque ele não aparecia?

A última vez tinha sido ontem.

- *Nem faz tanto tempo não é mesmo? mas depois do que eu disse, acho que ele ficou chateado, talvez magoado ou puto da vida comigo mesmo!*

Ela está assim porque ele ficava esperando-o no Café Paris todos os dias, costumavam se encontrar ali sempre nos horários de descanso dela que saia da livraria, atravessava a rua levando consigo algumas sugestões de livros que havia separado

justamente para ele. Ela se sentava ao lado dele e os dois ficavam falando sobre suas indicações, ele a ouvia calmamente.

Para que ela não soubesse de quem ele era filho, ele preferiu inventar um outro nome, Nicolas.

Assim era conhecido por ela e pelos garçons no qual já sabiam por ele que a partir dali seria chamado por outro nome.

Aos poucos os encontros foram aumentado, passaram a ser de uma vez por semana, depois duas vezes, logo três dias por semana até em pouco tempo, passaram a ser todos os dias.

Todos os dias se encontravam.

Sentiam-se próximos como se conhecem-se a muito tempo, mesmo que a fundo a vida particular de cada um fosse uma incógnita para ambos.

Eram amigos, apesar dos flertes inevitáveis, das mãos calorosas se tocando, dos gostos que se tornavam cada vez mais evidentes como por exemplo o fato dele pedir capuccino para ela ou para passarem a trilha sonora que ela gostava, até mesmo o lado da mesa que preferiam sentar todos pequenos detalhes que demonstravam o nível de carinho que tinham um pelo outro.

Ele já sabia.

Ela também.

Alice se sentia em paz ao seu lado, se sentia feliz, adorava o sorriso dele, o olhar dele, aquela voz mansa e aquele jeitão de garotão cheio de bom-humor, em nenhum momento o tratou diferente por estar de cadeiras de rodas, isso só confirmava a bondade que trazia em seu coração.

- *Me fale porque você não continua como agente Literária, de que você sempre sonhou?*

- *Jonatam, não é tão fácil assim. Eu tentei muito, cinco obras eu me responsabilizei, e nenhuma delas foi para frente.*

Ele a olha fixamente.

- *Fiz de tudo, até dinheiro emprestado eu peguei, mas infelizmente eu não consegui. Me sinto fracassada por isso sabe?*

- *Não fale assim, nada pode nos fazer perder a esperança, ela sempre é primeiro passo para não desistirmos. Esperança.*

Ela leva a xícara de café a boca, devolve a mesa e em seguida desabafa.

- *Você fala isso porque deve ser rico, só pode ser. Eu não tinha dinheiro sabe? O aluguel da casa dos meus pais era dividido comigo também, e eu não tinha mais de onde tirar. Sem saber o que fazia. Foi aí que o dono da livraria que nos conhecemos O ônibus se aproximava da para e ela se levanta mas continua relembrando suas poucas oportunidades de estar ao lado dele.*

- *Eu falo isso porque eu sei o quanto eu preciso de esperança para superar minha limitação.* - *Ele diz enquanto olha para fora, com o olhar distante.*

Por alguns segundos ela, que estava na defensiva, passou a se sentir culpada e egoísta.

Provavelmente quantas dificuldades em ir de algum lugar para outro ele deve ter, como devia ser duro para ele não andar, não correr, não pular.

- *Meu Deus, me desculpe Nicolas.*

- *Tudo bem, tudo bem...*

Ela continua olhando para ele que desvia os olhos.

- *É acho que já está na hora de você ir...*

- *Sim....acho que sim.*

- *Então...*

- *Então por favor me perdoe.*

- *Claro que sim....*

No outro dia o seu lugar estava reservado, ela o ficou esperando horas, mas ele não apareceu.

∞ ∞ ∞

Boas notícias

- *Que ódio.....como minha mãe me dizia..."criam dificuldade para vender facilidade!"*

As pessoas balançando dentro do ônibus se sentindo como se estivessem em um caminhão, sendo transportados para o abate.

- *Credo , que coisa sinistra eu pensei agora.*

Pressiona o botão para avisar ao motorista que iria descer.

Logo a frente alguns metros depois entra na livraria.

- *Olá Angelo?*

- *Olá Alice, o pessoal já está esperando você no piso superior em frente ao anfiteatro.*

- *Ah, obrigada.*

O celular vibra em seu bolso, subindo as escadas ela olha a mensagem do seu pai.

"Te admiro muito filha, boa sorte. Papai e mamãe"

Ela abre um sorriso de gratidão e já se encontra com duas garotas que farão parte de sua equipe.

Ela guarda o celular e inicia seu primeiro contato.

- *Olá meninas?*

- *Olá Srta. Alice!*

- *Como é o nome de vocês?*

A que respondeu primeiro era sorridente, tinha uma estatura baixa e tez clara.

- *O meu é Sônia, é um prazer fazer parte de sua equipe.*

- *O prazer é meu Sônia, seja muito bem vinda !*

- *O meu é Bianca! - exibindo um sorriso largo, de tom mais moreno, com cabelo encaracolado tonava a sua beleza exuberante.*

- *Prazer ter você aqui conosco também!*

- *Então vamos lá, irei passar para vocês minhas primeiras recomendações e em seguida vamos dar uma organizada no espaço, pois a inauguração será hoje a noite.*

Logo em seguida da conversa que tiveram, arrumaram caprichosamente o espaço, trabalho esse que precisou de ajuda de mais alguns funcionários e durou até o fim da tarde.

- *Ufa! terminamos.*

O dia seguiu tranquilo com toda a preparação de cenário e reunião com os atores que encenariam a peça no dia seguinte.

A noite, em sua casa, Alice não se conseguia parar de pensar em como havia sido o seu primeiro dia como responsável, feliz, estava a mil por hora.

Os pais todos sentados na sala com ela assistiam sua empolgação ao contar cada detalhe minuciosamente do que havia ocorrido naquele dia.

Já no seu quarto, ela pega o celular e procura alguma mensagem de Nicolas.

...Nada...

...Como será que ele está?

∞ ∞ ∞

Nem tão boas notícias

No outro dia, muito mais cedo do que de costume Alice já se reunira com suas assistentes, as pessoas prontas da peça, as prateleiras de livro subindo para serem colocadas uniformemente na frente do anfiteatro e tudo saindo como ela queria até que....

- *Com licença Dona Alice, mais uma coisa!*

- *Olá Angêlo, o que foi?*

- *O Sr. Augusto está na sala de reunião e pediu para que assim que você pudesse , d para lá.*

- *Nossa, estou indo já!*

Com passos apressados ela chega em segundos a sala de reunião que está com a porta entreaberta, empurra ndo devagar consegue indentificar apenas Sr. Augusto, Olavo, Renam, Charlô e sentado na cadeira do lado, já na ponta da mesa, Henrico com uma mulher loira cujo tom do batom forte e colorido distoava de todo o resto da sala.

- *Olá Alice, queira por gentileza sentar-se.*

- *Olá a todos! Bom dia...*

Puxando uma cadeira ela senta-se e um pequeno estado de tensão começa a surgir pelas suas mãos já suadas.

- *Bem, agora que estamos todos aqui, eu sugiro que meu filho Henrico conte o motivo dessa reunião.*

Henrico dá um sorriso um tanto quanto acanhado e levanta-se.

- *Claro pai!*

Todos coloca suas cadeiras na direção dele que indo até uma tela no fim da sala inicia sua fala:

- *Como todos sabem nós teremos novidades que trarão grande incremento em nossas receitas. Recebemos aqui diretores de uma rede grande de livros didáticos que fará volumosos investimentos nessa área. Um dos motivos do anfiteatro passar de previsão para realidade é justamente esse aporte.*

A contrapartida é nosso esforço para que livros didáticos se sobressaíam mais do que outros.

Isso fará com que a maioria das instituições de ensino nos olhe com outros olhos, nos indicando como representantes da distribuições dos livros para os períodos letivos de escola.

Sendo assim, nesse volumoso e inquestionável incremento, precisaríamos de pessoas qualificadas para assumir mais uma área que será criado para esse fim.

Todos olham para Alice e ela sente que será o seu grande dia.

- Talvez vocês não a conheçam, por favor queira levantar-se meu amor...

A loira que estava sentada ao seu lado, passa as mãos nos cabelos que imediatamente destilam perfume no ar.

- Essa é a minha noiva Mônica.

Alguns olham com espasmo pois ela teria vindo apenas algumas pouquíssimas vezes até a livraria e não sabiam que ela teria condições de assumir tamanha responsabilidade.

- Eu sei que vocês devem estar pensando sobre porque escolhi ela, mas Mônica tem uma vasta experiência com a área de Educação, ela é formanda em Letras...

- Mas eu também! - pensou Alice

- Ela tem pós em Gestão de Negócios

- Eu não - pensou Alice acompanhando a apresentação.

- Ela é mestranda em Negócios Internacionais

- O quê? Para quê? Ah meu Deus, nada haver...- suspira Alice.

- A senhora gostaria de perguntar algo Alice?

- Não...não...tudo bem, só estava pensando : Óh como ela é estudada.

A loira sorri e uma certa ironia ficou nítido no ar.

Ela se dirige a Henrico e pede a palavra:

- Se me permite meu amor....

- Claro Mônica por favor...

- Eu notei muitas coisas que precisam melhorar...

Todos na sala começam a se afundar em suas cadeiras.

- Temos um sistema de vendas ultrapassado que não usa tecnologia para consultar rapidamente os que os clientes procuram, ou seja, se algué vem atrás de determinado Título, o vendedor vai

com ele até a Gondola e perde horas procurando econversando....

- Mas não é assim que funciona nas livrarias? - Alice intervém.

- Querida...como é mesmo seu nome?

- Pode me chamar de Alice mesmo.

- Sim, veja bem, o tempo é ouro. Todos nós sabemos. Se em um cliente apenas perdemos, digamos que metade de uma manhã, quantos clientes perdemos ao longo de uma semana, de um mês, de um ano?

Ela olha para Henrico que orgulhoso pisca o olho para ela, enquanto Sr. Augusto com uma caneta nos lábios não emite e nem exprime nada, apenas observa.

- Estive com Henrico na Europa recentemente e vimos como funciona lá. Tudo em sistema, tudo na palma da mão , em segundos. Vocês não imaginam a rapidez. Os clientes não querem mais ficar com bla-bla-blá, ninguém perde mais tempo entenderam?

Olavo não poderia perder a oportunidade .

- Bravo, bravo, sabe que eu sempre pensei nisso?

Tanto Mônica quanto Henrico não deram a mínima.

- Então pessoal, eu como Diretor Executivo do grupo Leiamé nomeio neste exato momento minha parceira de caminhada como a Diretora de Negócios Corporativos.

Todos bateram palmas enquanto se beijaram.

Apenas Alice não sorriu...

....nem Sr. Augusto.

Capítulo oito

Quase três dias depois do último encontro e ela não sabia onde procurar Nicolas, visivelmente triste ela temia que poderia ter o magoado profundamente e que ele não mais quisesse voltar a vê-la.

Mesmo sem ter certeza se ele iria voltar, ela foi para o Café e lá ficou por algum tempo, convencida que algo dentro de si lhe dizia para ter esperanças, esperanças ...

- Está esperando alguém?

Ao virar-seera ele.

Alguns instantes se olhando...sem conseguir falar, gritar ou reagir.

Ela se levanta e afaga o cabelo dele, que parece estar com a cara de um menino assustado.

- Meu Deus, por onde andou....que saudade.

Ela se levanta e o abraça como se o fosse levantá-lo.

- Saudades eu estava de você.....- ele retribui

O garçom que o trouxe, arruma a mesa e o deixa de frente para ela.

- O que aconteceu? Você sumiu completamente.

- Eu tive que fazer fisioterapia intensiva devido algumas dores, mas já está tudo bem. Sentiu minha falta não é?

Diz sorrindo.

- Seu convencido....

Responde também sorrindo.

- Eu queria tanto falar com você...

O garçom serve croissant, capuccino e suco de laranja, e ela nem espera ele experimentar o primeiro pedaço e dispara.

- Sabe aquela louca?

- De quem você está falando?

- Da louca, noiva do filho do dono da Livraria.

- Ah, sei...qual é o nome dela mesmo?

- O nome dela é Mônica, de "M" de **mesquinha** ou de merda mesmo....

Ele sorri e logo em seguida toma um gole de suco.

- Mas ela não é legal?

- Legal? Você só pode estar brincando!

Ele continua sorrindo...

- OK, você é legal, mas o que houve?

- Ela vive me perseguindo, ciúmes, inveja ou sei o que lá. Tudo que eu faço ela desfaz. Ela pega no meu pé da hora que entra a hora que sai, e além de tudo me chama atenção na frente de minhas duas assistentes. Estou furiosa.

- Calma, mas porque você acha que ela está te perseguindo?

- Acho que ela pensa que eu quero pegar o lugar dela, ou que acha que eu paquero com o Henrico?

- Quem é o Henrico mesmo?

- Ele é filho do Sr. Augusto, super apaixonado por ela, educadíssimo, mas não fala muito . Não sai do lado do pai, porém deixa a megera a solta para perseguir os fracos e oprimidos como eu.

Ele olha carinhosamente para ela e põe sua mão sobre a dela.

- Você não é fraca e também não está oprimida.

Ela se derrete e olha para ele.

- Ah meu Deus, porque não te achei antes....

- Talvez porque eu não estivesse preparado para você.

- Hã....isso é lindo...

Ela levanta e o beija na boca.

Os olhos de todos no ambiente se voltam para os dois e aplaudem.

- Como assim?

- Não deve ser comum uma mulher bonita como você beijando um homem em uma cadeira de rodas.

- Ah é....vou beijar de novo...

E os dois se beijam mais uma vez e assim selam a paixão contida a meses.

- Alguém já disse que você beija muito bem...?

Pergunta ela .

- *Já, muitas vezes- ele responde rapidamente sorrindo.*
- *Seu convencido..!*

∞ ∞ ∞

O mundo começa a desabar

Ao chegar ao trabalho na livraria no outro dia pela manhã, vai ao seu escritório e depois pede para que chamem Rejane.

Sônia, uma de suas assistentes volta até sua sala para dar uma notícia não boa.

- *Como assim?*

- *Ela veio trabalhar normalmente mas o Sr. Olavo a chamou para conferir os últimos livros no almoxarifado.*

- *E aí?*

- *Ele voltou sem ela, que saiu chorando em seguida.*

- *Não entendi, aonde está ela agora?*

- *Está arrumando as coisas dela.*

Alice sai em disparada atrás da grande amiga.

- *Espera um pouco!*

Grita Olavo.

- *Aonde a mocinha pensa que vai?*

- *Estou indo ver o que aconteceu com a Rejane, sei que você deve ter feito algo muito ruim para que ela tenha que sair assim no meio da tarde.*

- *Você está insinuando alguma coisa?*

Nesta hora surge Rejane descendo as escadas do alojamento.

- *Alice, não foi nada eu só fui demitida por não aceitar certas coisas! - Ela diz olhando para Olavo*

- *Como não foi nada? Ontem mesmo você estava feliz e fazendo planos.*

- *Sim mas mudou tudo agora.*

Diz Rejane olhando para Olavo, que desconcertado se retira.

Alice se aproxima, abraça a amiga e fala ao seu ouvido.

- *Por favor me conta?*

- *Contodepois me liga que eu conto.*

Se abraçam longamente, depois Alice leva rejane até a porta principal e a abraça novamente dessa vez chorando.

Ao retornar para a loja Mônica a aguarda de braços cruzados.

- *Posso saber o que está acontecendo aqui?*

- *Pergunte para o Olavo, não para mim.*

- *Eu estou perguntando para você.*

- *Mas eu não tenho nada para falar sobre esse assunto.*

- *Alice por favor me acompanhe até minha sala por favor.*

- *Claro que vou...*

E saem as duas sob os olhares de clientes e funcionários.

- *Entre e feche a porta.*

- *Ok...*

- *Sente-se!*

- *Pois não, pode falar!*

- *È o seguinte Alice, desde que assumi a responsabilidade de dirigir os negócios eu não tenho tido uma boa imagem de você.*

- *Como assim? Já são quase dois anos, meus clienes são fiéis desde que eu entrei, o Sr. Augusto gosta de mim...*

- *Antes que você continue...espere.... Você acha tudo isso aí que falou ótimo, mas eu não...*

- *Hã,você não?*

- *Isso mesmo, eu acho que você põe os pés pelas mãos, se acha demasiadamente insubstituível e intocável, mas eu quero te dizer...você está enganada.*

- *Ok, obrigada por me avisar.*

- *Por favor, saia de minha sala, o recado está dado.*

Assim que sai da sala, as suas pernas estão bambas, ela está por um fio de desabar.

Volta para sua sala e senta pondo a cabeça sobre a mesa depois de ter jogado ao chão tudo que estava por cima.

∞ ∞ ∞

- *A casa está sempre em silêncio assim?*

- Sim Dona Helena, a muito tempo não têm aquela alegria de antigamente. O Henrico fica fora todo o dia e Jonatam no quarto.

- Percebi que ele não sai do computador. O que tanto escreve?

- Dona Helena isso é quase todo dia depois que conheceu uma garota chamada Alice, desde que ficou sem andar ele encontrou na escrita um meio para superar sua tristeza, mas não estava tão empolgado até conhecê-la.

- Que bom, a tempo não o via sorrindo tanto, brincando como ele fazia antes. Meu filho deve estar muito feliz.

- Augusto não consegue se aproximar dele, infelizmente o que já era difícil antes se tornou insustentável após o acidente.

Depois de tomar um gole em seu chá ela recostasse na cadeira.

O olhar experiente de Dona Helena se estende ao infinito.

- Bonito seu jardim Ana.

- Obrigada, eu também gosto muito. Fizemos algumas mudanças mas procuramos deixar o máximo de lembranças de quando os meninos eram pequenos.

- Sim, lembro daquele balanço e da casa na árvore.

- Verdade, eles viviam lá.

- O Jonatam não deve gostar muito de ver não é?

- Logo após o acidente Augusto pensou em tirar, até contratou umas pessoas para isso, mas Jonatam não permitiu.

- Não?

- Não, ele disse que a casa da árvore não era apenas dele, era do irmão também.

- Que lindo, eles sempre foram tão unidos não é?

- Sim, Henrico sofreu muito, ficou do lado do irmão todo o tempo, e todo tempo acreditava que ele iria se curar.

- Que pena que não aconteceu.

- Sim.

- Mas me conte, ele está namorando com a garota?

- Não sei exatamente que tipo de relação ele tem com ela, ainda não a conheço e ele não toca no assunto, o fato é que mudou muito depois que a conheceu. Jorge o nosso motorista, é o seu maior confidente, que o leva para lá e para cá, mas que também não tem permissão de nos contar nada.

- Hum, então é verdade, nosso menino finalmente está apaixonado.

- Acho que sim Dona Helena, aceita mais um chá?

- Sim, querida...

- Agora eu não entendo porque a sua resistência com o pai. Ela não se aproxima, não conversa, não sorri.

- Augusto também sempre foi muito difícil. Lembro que quando ele era pequeno ficou muito tempo bicudo com o pai por causa de uma pescaria onde o pai pegou todos os peixes e ele nenhum...veja que bobagem? Temos que aprender a não olhar apenas para gente, ver os outros, a felicidade dos outros podem ser a nossa também e isso é o que falta nos jovens, se colocar no lugar do outro.

- Concordo Dona Helena...mas o que eu não consigo compreender é que quanto pequeno era agarrado no pai, após a adolescência e mais ainda, logo depois do acidente piorou bastante o convívio entre os dois.

- Augusto queria que ele trabalhasse com ele não é?

- Sim, mas Jonatam nunca quis.

- Acho que toda a dificuldade nasceu daí.

- Porque a senhora acha?

- Conheço meu filho Augusto, ele não gosta de receber não, e digo mais, para ele o primogênito obrigatoriamente deveria seguir o caminho do pai. Foi assim com ele, com pai dele.

- Já o Henrico sempre ficou cercado o pai para trabalhar com ele e Augusto nunca permitiu.

- Isso que estou querendo dizer.

- Não entendi.

- Para Augusto a obrigação não é do Henrico mas do Jonatam.

- Só agora Henrico conseguiu se aproximar do pai, isso tem trazido um pouco de alegria para ele.

- E o Jonatam?

- Jonatam acha bom, ele sempre quis que isso acontecesse.

- Então agora você precisa dar tempo ao tempo.

- Eu fico tão preocupada.

- Relaxe filha, tudo vai se acertar.

- Tomara, tomara....

Capítulo nove

Dante estava concluindo as inserções no computador, era o último livro que ele cadastrava, a porta de repente se abre devagar, era Alice.

- Oi Alice, entre, o que houve?

- Posso ?

- Claro, deixe-me puxar uma cadeira para você se sentar.

- Estou precisando conversar com um amigo.

- Oh minha amiga, o que houve?

- Estou sofrendo perseguição desde que Mônica assumiu a direção da livraria.

- Tome um pouco de água para alcarar.

- Obrigada, desde que Regina foi embora eu me sinto sozinha sabe? Só tenho você ...

Começou a chorar.

Dante se aproxima, passando a mão em seus cabelos tenta minimizar .

- Não é do jeito que você está pensando Alice, ela só é exigente.

- Não é não, você não viu que ela mudou tudo, a forma de atendimento, as comissões, as atribuições, os horários, enfim, viramos robôs.

- Fique aqui um pouco...descanse...tem esse sofá grande, deite um pouco.

- Jura?

- Sim, claro, ninguém entra aqui. Eu vou ter que sair para uma reunião, mas eu tranco a porta e te dou uma chave reserva ok?

- Oh meu querido amigo, não sei como te agradecer.Minha cabeça está estourando e eu preciso realmente relaxar um pouco, longe de todo mundo.

- Vou te dar um comprimido que vai te ajudar a descansar, eu uso quando estou muito estressado.

- Você fica estressado?

- Sim, eu fico.

- Não consigo imaginar.
- Vou te contar meu maior segredo.
- Conte....conte.... - ela diz se ajeitando no sofá.
- Eu sou homossexual.
- Posso te contar uma coisa?
- Eu sabia....
- Não ?
- Sim....
- Como?
- Nunca te vi falando de mulheres, olhando para mulheres e muito menos dando em cima de ninguém, porém....
- Porém?
- Aquele segurança moreno de quase dois metros...
- Ai meu Deus! - pondo a mão no coração.
- Sim, eu vejo a forma como vocês se olham.
- Pronto...- beto palmas e se estica para trás.
- Acertei?
- Sim, na mosca...

Nesse sentimento de cumplicidade ele sai e tranca a porta.

No silêncio ela adormece um pouco e tem um sonho estranho, sonhou que estaria encontrando um baú com ouro, e que faria com que ela se tornasse conhecida e muito famosa.

Ela sonhou que Nicolas estava usando um fraque, elegante e sorrindo para ela.

Sorrindo dormindo ela derruba com os pés um vaso que cai no chão e a desperta.

- Meu Deus....não...quebrei o vaso...

Preciso limpar essa bagunça.

Enquanto procura uma vassoura ela observa em cima de um armário, quatro pacotes lacrados.

Ela os tira e põe em cima do sofá.

Limpa a sujeira causada pelos cacos de vidros do vaso que acabara de derrubar.

Volta para a poltrona, pega um dos pacotes e o abre.

Começa a ler com atenção .

Ela passa a primeira página....depois a segunda....

Já tinha lido quase 100 páginas e a porta se abre, ela rapidamente guarda no pacote que estava.

- *Oi Dante!*

- *Demorei?*

- *Não, não demorou...*

Ele entra e após fechar a porta vê os pacotes no colo de Alice.

- *Gostou?*

- *Estou chocada.*

Ela asquiece .

- *Deixaram em cima da minha mesa.*

- *Como assim....*

- *Todos os meses, digo, a exatamente a quatro meses eu recebo de um modo estranho esses livros. São bem escritos, bem formatados e o que é mais incrível :ao meu ver são exepcionais.*

- *Quem é Lorena John?*

- *Não sei....*

- *Como assim?*

- *Ela não aparece, não é fantástico?*

- *É...*

- *Quer levar com você os quatro?*

- *Sério?*

- *Sr. Augusto não quer nem saber, Ramom não dá a mínima pois para ele precisa conhecer o autor ou o agente, como ela não tem.*

- *Ok, obrigada, vou querer levar sim...quero ler os quatro, aproveitar que hoje é sexta-feira e neste fim de semana é minha folga forçada.*

- *Então está bem, só não diga que você pegou nada aqui.*

- *Claro que não direi.*

- *Conseguiu descansar?*

- *Meu querido amigo, eu não sei o que falar para te agradecer tamanho carinho.*

Os dois se abraçam fraternalmente.

Alice está em casa, um final de semana inteiro, coisa que não acontecia a muito tempo.

Mônica a dispensou do evento no sábado e deu o domingo para que ela ficasse em casa também, não por bondade, mas porquê famosos estariam na peça que seria encenada no anfiteatro da livraria e Sr. Augusto também estaria presente com o filho Henrico, para ela estar sobre os holofotes de atenção, melhor momento seria impossível.

-Filha arrumei a mesa do escritório para você como havia me pedido.

- Obrigada mãe, eu tenho uns livros para analisar.

Seu pai que estava na cozinha surge interessado no que Alice falou.

- Livros filha?

- Sim pai, são uns bonecos que foram deixados na Livraria, mas ninguém chegou a conhecer a autora.

- Como é o nome dela.

- Lorena John....

- Hum, bom nome.

- Pai....?

- Não falei nada, não sugeri nada....aliás já estou de saída.....

Eles sorriem já sabendo o que ambos estão pensando.

O sábado começou cedo na casa de Alice, o primeiro livro ela leu até a hora do almoço.

Estava tão empolgada como a muito tempo não acontecia, já engatou no segundo livro e antes que a noite caísse ela já havia lido os quatro.

- Meu Deus.....

Sai pulando pela sala, beijando a mãe e saltando de alegria.

- Nossa filha o que houve?

- Mãe...eu encontrei....

- O quê?
- A autora que vai ser a revelação do ano.
- Que bom filha...
- Mãe, você não está entendendo...

Ela abraça a sua mãe e começam a dançar, aos sorrisos e gritos de alegria.

Assim que o seu pai chega, ela o senta no sofá e trás os livros.

Pondo no colo ela olha para seu pai e diz

- Pai, está preparado?
- Sim, mas não sei para quê.
- Estou aqui na sua frente como a agente literária mais famosa de São Paulo, do Brasil quiçá do mundo.

Ele ri e pergunta

- *Como assim filha?*

- *Leia o prefácio deste aqui....*

Enquanto ele dobra uma perna por cima da outra, se acomoda e começa a ler, ela vai até a cozinha, traz um vinho e abre-o.

- *Mãe, você toma com a gente?*

- *Sim filha, não rejeito um bom vinho na companhia de família de forma alguma.*

- *Então vem....*

- *Vamos comemorar?*

- *Sim mãe....espere papai concluir a leitura.*

- *Pare....*

- *O quê pai?*

- *Fantástico.*

- *Não é?*

- *Mais do quê qualquer outro que já li, que não são poucos. É formidável, texto, história, formato, trama...tudo perfeito.*

- *Foi o que eu estava tentando te dizer.*

- *Nem precisa filha. Quem é ela?*

- *Não sei e ninguém sabe.*

- *Você precisa entrá-la filha antes que algum esperto o faça.*

- *Não sei por onde começar pai.*

- *Volte ao menino...*

- *Dante?*

- *Sim, foi lá que ele recebeu os livros não foi?*

- *Sim...*

- *Então tente checar como os livros vão parar lá, deixe um bilhete, um bouquet de flores, ou qualquer outra forma de admiração, mas encontre-a.*

- *Amanhã mesmo farei isso.*

- *Agora vamos brindar...a mais linda filha que um pai pode ter, a mais bem sucedida agente publicitária da cidade!*

Capítulo dez

Já passavam das 16 horas e Nicolas esperava por Alice ansioso.

Ele a vê saindo da livraria, atravessando a rua e por fim entrando dentro do café, trazia consigo uma mochila.

- Oi amor!

- Olá meu amor...

- Que bom que você pôde vir.

- Fiquei preocupado, você disse que era urgente.

- Sim, e é mesmo, você pede uma água com gás para mim?

- Sim, claro. Sérgio por favor, trás uma água com gás para ela por gentileza.

- Claro sr. , a senhoria gostaria de limão espremido?

- Sim, por favor. Obrigada.

- Nicolas, você não acredita.

- O quê?

- Olha isso...

Ela tira da mochila um dos livros e o dá para ele, que começa a folheá-lo.

- Nossa, parece bom!

- Não, não é bom.. é divino, transcendental, fenomenal, fantástico, magnífico...etc.etc.etc.

- Onde o conseguiu ?

- Eu estava triste e fui até a sala da "**degola**"...

Ele ri e em dúvida insiste.

- Onde é a sala da degola?

- È a sala onde os livros que não serão vendidos são levados.

Alguns sequer são abertos.

- Fica na livraria?

-Sim, antes que tenha o destino final, o meu amigo Ramon cadastra todos em um sistema.

- E?

- Foi lá eu o encontrei.

- Mas não como?

- Bem, eu estava em um dia péssimo e precisava de algum lugar para me acalmar, como eu faço todas vezes que preciso um pouco de paz da "megera" eu bato na porta do único lugar que sei que não tem perturbação.

- Ah entendi, é na sala que o Dante trabalha não é?

- Sim, ele fica sozinho a maior parte do tempo. Um verdadeiro monge.

- Ele que te entregou?

- Na verdade não, eu encontrei esses e li, me apaixonei e quase enlouqueci.

- Nossa....

-Demais não é...?

- Quem escreveu?

- O nome dela é Lorena, Lorena John.

Ele olha para ela que fica sem jeito.

- Sei que sou uma boba ...

- Você é mesmo, uma bobinha linda.

Ele tenta desconversar

- *E as coisas na Livraria como estão?*

- *Péssimas...*

- *Como assim?*

- *Além do assédio do Olavo, agora tenho que conviver com a obsessão de Mônica.*

- *Está difícil assim?*

- *Está, ele na verdade nunca me assediou abertamente, apenas me cercando mas eu me viro, fique tranquilo. Eu quero saber de você. Como vai a fisioterapia?*

- *Eu tenho tido algumas evoluções, como por exemplo consigo me mover na cama.*

- *Meu Deus, isso é maravilhoso.*

- *Sim é sim...*

- *Mas e você Jonatam? porque você não me parece estar animado? Aconteceu alguma coisa?*

- *Ontem eu soube que minha turma do basquete ganhou o título estadual.*

- *Que bom!*

- *É verdade.*

- *Você não me parece muito feliz com isso ou é apenas impressão minha?*

- *Não, você tem razão...*

- *Porque está chorando?*

- *Eu não estou...*

- *Eu sei que está...*

- *Para mim é muito difícil, desde que sofri o acidente tudo parece ter evoluído, menos eu.*

- *Você evoluiu sim, apenas precisa descobrir isso.*

- *Será mesmo?*

- *Claro, os momentos mais difíceis são os que mais nos ensinam coisa que nem imaginaríamos se houvesse acontecido.*

- *Mas eu tento me convencer, mas eu não consigo tudo se tornou mais complicado, eu dependo muito dos outros e sei que as vezes incomodo.*

- *Mas essas pessoas que você está se referindo, quem são?*

- *Bem, meus pais, meu irmão, você....*

- Por acaso já passou pela sua cabeça que essas pessoas te amam e fazem tudo com o maior prazer para vê-lo bem?

Alguns minutos pensativo.

- Eu sei, sabia você as vezes se parece com minha mãe, da impressão que estou a vendo me ajudando a enxergar a vida sob outro ótica.

Ela sorri meio sem jeito e pergunta:

- O que foi? O que você está pensando?

- Lembro dos campeonatos, de nosso time , eu pulando para fazer mais um pontos, a turma gritando meu nome....

Me aperta o coração saber que tudo continua mesmo sem mim, não consigo evitar a falta que me faz... correr, andar...algumas atividades tão simples como subir uma escada....

- Jonatam preciso te falar uma coisa....

- Fale....por favor... - enquanto olha para Alice ela diz com voz suave ela se ajeita para ficar bem de frente a ele.

- Está preparado?

- Sim... claro...

- Demorei para te falar mas agora vou...

- O que foi? Está me deixando assustado.

- Querido Jonatam você pode não correr, pode não pular, pode não ficar em pé para fazer xixi, pensando bem até conveniente de certa forma pois não vai sujar o vaso com pingos de xixi como a maioria dos homens fazem...

Sorrindo Jonatam diz:

- Era isso que você tinha que me falar?

- Não...

- Então o que era?

- Jonatam você pode voar....

Ele abaixa a cabeça, depois olha para Alice ...

- Como?

Segurando a mão dele Alice diz

- Você pode escrever e ir muito mais longe do que qualquer outra pessoa.

Não é o que gosta?

Ele aquiesce com a cabeça.

- O que sempre gostou acima de tudo?

-Sim...

- *Então volte a escrever...voe....vá o mais alto que puder....*

Eles ficam alguns minutos parados apenas se olhando, sorrindo, depois se olhando novamente, nem se dando conta que existe um movimento de clientes, garçons, música e carros passando na avenida.

- *Falando em cama....*

Ela olha para ele e um erotismo natural exala em seus olhos que provancantemente não precisa explicar até onde ela quer chegar.

- *Você está preparada?*

- *Eu nasci preparada.*

Eles riram, Nicolas beijou a mão de Alice.

- *Hoje a noite, eu te pego e vamos sair .*

- *Para onde vamos?*

- *Não se preocupe.*

∞ ∞ ∞

Ela estava nervosa naquela noite, bem antes do horário combinado já estava pronta , uma blusa preta tomara que caia, uma calça preta bem justinha, os cabelos soltos como ondas do mar, cílios postiços, e maquiagem suave.

O carro de Nicolas chegou as 21 horas e ele permaneceu dentro do carro aguardando ela vir. Ela saiu logo em seguida com seu pai que a acompanhou até a porta do carro .

- *Olá, então você é o príncipe que minha filha tanto se refere?*

- *Olá Sr Sandro, muito prazer, Nicolas*

- *O prazer é meu rapaz.*

Nicolas sem graça sorri timidamente e estende a mão, procurando passar uma boa impressão se ergue para na intenção de ficar mais alto.

- *Que bom saber disso.* - ele olha para Alice que está vermelha .

- *O senhor deve ser o melhor pai do mundo?*

- *Ela disse isso?*

- *Sim...*

- *Nicolas , papai vai chorar, ele é muito sentimental....*
- *Vou mesmo....tenham uma boa noite , prazer em conhecer você Nicolas.*

- *O prazer é meu, grata satisfação em conhecê-lo.*
- *Cuide bem da minha pequena menina.*
- *Nem tão pequena assim não é mesmo pai?*

Eles se despedem e saem com a promessa que Nicolas retorne em breve para um almoço.

O carro é todo adaptado então não há dificuldades aparentes para guiá-lo com máxima segurança, Alice observa a facilidade com que ele domina todosaqueles botões espalhados no painel.

- *Onde está pensando em me levar garoto?*
- *Surpresa.*
- *Nossa....que medo...*

Ele coloca a mão sobre a dela...

- *Você vai gostar.*
- *Ao seu lado eu sei que vou gostar de qualquer coisa...*

Não demorou muito e os dois estavam entrando no bairro nobre de São Paulo, um prédio alto e imponente provocaram encantamento em Alice que sem se dar conta era o destino final dos dois.

- *Que alto, poxa, você deve ficar tonta lá em cima...*

Ele olha para ela sorrindo enquanto o carro desce a rampa da garagem, pondo as mãos na boca exprimindo surpresa Alice vai acompanhando com atenção até Nicolas estacionar em sua vaga.

- *É aqui... ?*
- *O quê?*
- *Onde vamos ficar?*
- *Sim....*

O carro automaticamente abre as portas assim que ele desliga as chaves, desce pelo lado no qual ele está sentado, uma plataforma de ferro direciona-o até o chão.

Alice ainda dentro do carro parada e ainda de boca aberta ...

- *Vamos?*

- Que vista linda!

O céu estava refletindo as luzes da cidade, os faróis dos carros, dos prédios , luzes que tornavam o horizonte ainda mais exuberante.

Um vento suave soprava em seus cabelos a tornando ainda mais atraente.

- *Quem mora aqui?*

- *Você não precisa saber.*

- *Porque não precisaria?*

- *Porque você está comigo. Isso já não basta?*

- *Nossa, quanto mistério...*

Seu sorriso foi tão sincero quanto sua argumentação. Ficaram olhando ali por mais alguns minutos e naturalmente se beijaram ardentemente.

- *Eu quero você Nicolas...agora...*

Eles foram para o quarto, antes uma garrafa de vinho tinto nas mãos. O quarto era enorme, com grandes janelas cobertas por cortinas lisas quase transparente. Um perfume suave e uma cama king size completavam o ambiente que parecia ter sido preparado para recebê-los. Se tocaram carinhosamente.

Trocaram confidências.

Se amaram .

Ao som de uma música baixinho, cujo piano tocava músicas que os dois gostavam, adormeceram.

O sol apareceu por entre pequenos espaços deixados pela cortina, ela se deu conta onde estava e acordou sonolenta, saiu com a blusa que ele estava usando até cozinha, passou pela sala antes de retornar ao quarto buscando alguma foto ou vestígios de quem moraria ali naquela imensa cobertura.

- *Alice?*

- *Estou indo...vim pegar água para gente.*

- *Nicolas, como é lindo tudo aqui.*

- *Sim, eu também acho.*

- *O que tem para comermos?*

- *Não se preocupe, o café da manhã vai chegar daqui a pouco?*

- *Nós não vamos fazer juntos?*

- *Não sei, você quer?*

- *Claro mocinho...levante daí e vamos já para a cozinha.*

Jonatam não costuma ir para cozinha, sempre existia alguém que cuidava disso para ele e para o irmão. Desde pequenos o Sr. Augusto não gostava que eles fizessem trabalhos que, para ele, eram exclusivos para as mulheres.

O pai e o filho nunca entravam em um acordo e esse era mais um ponto. Como era normal se desentenderem por coisas simples do dia-a-dia para Jonatam desobedecê-lo era uma questão prazerosa e em por alguns momentos desejou seu pai ali para vê-lo na cozinha... cozinhando.

Alice pegou a cadeira de rodas de Jonatam, ajudou-o para que sentasse e foram até a cozinha.

Lá viveram alguns instantes tão divertidos que durante toda a semana, ao se recordarem, sorriam sozinhos.

Riam o tempo todo, com tudo da cozinha, por exemplo onde ficavam guardados os condimentos, as panelas *etc.* Jogavam água um no outro, se beijavam, voltavam para o fogão. Ele acabou se queimando pondo dedo em uma panela fervendo, ela quase queima o cabelo com um acendedor.

E assim toda a manhã foi preenchida.

Tomaram café na varanda contemplando a linda paisagem.

Depois foram para sala e namoraram novamente.

Por fim, ele a levou para casa.

Leves, tranquilos e felizes.

Capítulo onze

- *Jonatam, você não acha que já está na hora de ter uma conversa com o seu pai?*

- *Não acho.*

- *Seu pai está muito triste pois a dias que não o cumprimenta.*

- *Ele sabe muito bem o por quê.*

- *Talvez saiba, mas vocês dois se desentendem por coisas bobas, querendo ou não ele é seu pai.*

- *Já ouvi essa história mãe.*

- *Eu sempre repetirei filho...*

- *Eu sei mãe, tudo bem, entendo que você quer nos aproximar.*

Eles dão-se as mãos com carinho.

- *Eu amo vocês dois demais.*

Assim que termina a frase, Henrico entra já vestido para ir para o trabalho com uma camisa branca de manga cumprida e uma gravata vermelha.

Imediatamente os dois voltam a atenção para ele.

- *Você vai de novo com essa camisa?*

Jonatam diz brincando.

- *E você não vai pentiar esses cabelos ridículos!*

Dando um tapinha na cabeça do irmão abre a tampa de um pote de vidro, pega alguns biscoitos e leva-os a boca, Jonatam coloca suco em um copo azul transparente e os dois continuam com as provocações: - *Não provoque seu irmão Henrico.*

Ele ri faz uma careta para Jonatam que põe a língua para fora....

- *Seu louco.... (sorrisos)*

- *Você não perde por esperar, vou ganhar de você no vídeo game novamente, você sabe que sou melhor..*

- *Hahahahaha eu vou fingir de conta que é verdade.*

- *Vocês dois ficaram até tarde na semana passada e deixaram a maior bagunça na sala de TV, o seu pai no outro dia estava uma fera.*

- *E precisa motivo mãe?*

- Não fale assim...
- Eu preciso ir mãe, Jonatam...me deêm lincença.
- Henrico...?
- Fala Jonatam do cabelo assanhado, eu tenho que ir.
- Como estão as coisas na livraria?
- Estão indo bem, a Mônica tem ajudado bastante.
- Que bom...
- Hoje mais mudança.
- Sério, o que vai ser dessa vez?
- A Mônica está revolucionando para melhor nossa empresa.
- Imagino.
- Acho que hoje aquela menina, como é o nome dela?
- Quem?
- Acho que é....Alice...isso....Alice...
- Eu sei quem é.
- Mônica vai dispensá-la hoje.

Jonatam engole seco o pedaço de pão que estava mastigando.

- Mas.. o que houve?
- Incompatibilidade de gênios.
- Ninguém demite ninguém por "incompatibilidade de gênios".

Já saindo Henrico pega seu paletó que estava sobre a cadeira e vai saindo.

- Não sei se é isso, mas ela parece que não gosta muito de receber ordens.

Jonatam, a Mônica é que dirige o pessoal então é melhor eu não me entrometer, além disso papai deu carta branca.

- Não sabia.
- Se você conversasse mais com ele saberia.
- Verdade senhor sabe tudo....
- Hahaha....te amo mano....
- Eu também...
- Tenho que ir, falando no papai, ele já está lá e me ligou duas vezes. Preciso ir mano, mãe, até mais tarde.

Assim que ele sai Jonatam roda a cadeira para trás e também sai, sua mãe ainda pede que ele fique mais um pouco mas irredutível se retira.

Alice estava com suas duas assistentes revendo procedimentos implementados pela nova gestão da livraria.

- *Um absurdo isso, ao invés de estarmos com os clientes temos que ficar com um computador lançando tudo cada detalhe. Hora que chegam, que saem, se pegaram algum livro, o que acharam, o que pensaram.*

- *Ei Alice, olha quem está lá embaixo.*

Alice observa e presentindo algo estranho encerra a reunião :

- *Bem meninas é isso aí, vamos dar tudo de nós hoje heim sem se importar com esse monte de novidades que estão criando.*

- *É isso aí....*

Elas respondem batendo palmas.

Assim que Alice desce para o térreo realmente Mônica estava a aguardando na escada com Olavo.

- *Olá mocinha?*

- *Olá, esqueceu meu nome? Alice Malta.*

- *Oh...para onde a senhora Alice Malta está indo nesse exato momento?*

- *Estou indo resolver algumas questões no guichê....*

- *Não precisa...* - Diz Olavo sem a encarar.

- *Mas*

- *Alice eu falei que não precisa.*

- *Ok, então eu vou voltar para meu setor....ok?*

Agora é Mônica que olha para o Olavo e diz

- *Também não precisa.*

Alice, sem entender olha para os dois.

- *O quê aconteceu?*

- *Não se assuste, você não fez absolutamente nada.*

- *Venha comigo até minha sala.*

- *Os três saem sob o olhar apreensivo dos funcionários.*

O mundo desaba sobre seus ombros e uma sensação de que iria desmaiar acontece sem que ela consiga evitar depois de ouvir secamente : - *Infelizmente não precisamos mais de seus serviços!*

Alguns minutos depois, ela abre os olhos e se vê sentada na sala de Recursos Humanos, com Melissa, a gerente de RH ao seu lado, com um copo de água em uma das mãos.

- *O que está acontecendo?*
- *Calma Alice...*
- *O que houve? eu desmaiei?*
- *Sim, foi muito rápido, mas está tudo bem.*
- *O que penso ter acontecido realmente aconteceu?*
- *Eu vou tentar te explicar.*
- *Por favor.*

Alice estava trêmula mas conseguiu tomar o copo com água de uma só vez, com apenas um gole.

- *A Livraria cresceu.*
- *Eu sei...e participei um pouco desse crescimento....*
- *Então...*
- *Tenho certeza de ter ajudado nesse crescimento realmente.*
- *E então é o seguinte, as coisas mudaram muito desde que você entrou, como você mesmo sabe. A maior mudança na verdade foi com direção que encara tudo diferente do que estávamos acostumadas quando o Sr. Augusto dirigia. Antes nós cuidávamos de toda a gestão de pessoal de forma equitativa e meritocrática.*

- *E o que eu tenho a ver com isso?*
- *Não é você.*
- *E então o que é?*
- *O modelo de gestão.*
- *Como assim?*
- *O seu departamento foi extinto.*
- *Mas ninguém nem me avisou.*
- *Também estranhamos, mas a única coisa que podemos fazer é acatar entende?*

- *O Sr. Augusto me conhece, ele gosta de mim.*
- Seus olhos já estão escorrendo como uma cachoeira.

- *Não tem nada a ver com gostar ou não compreende?*
- *Por favor eu não posso perder esse emprego.*
- *Eu sinto muito Alice.*
- *Por favor...*
- *Sinto Alice...*

Alguns minutos eternos passam, um retrospecto de tudo que ela viveu até ali passou como em um filme diante de si.

Melissa pega uns papéis e uma caneta e coloca em frente de Alice.

- Os papéis para você assinar já estão aqui, você terá todos os benefícios, todos seus direitos e também receberá um generoso bônus que....

- Meu Deus então isso foi decidido bem antes...

Ela folheia algumas páginas e as joga sobre a mesa, no mesmo instante que levante-se furiosa enxugando as lágrimas.

- Alice, por favor ! - Pede Melissa.

- Não Melissa, antes eu preciso fazer uma coisa.

Tanto Mônica quando Olavo estão na sala do Sr. Augusto com donos de livrarias em uma reunião.

Alice simplesmente empurra a porta sem bater e entra.

- Alice nós estamos em reunião - diz Mônica se levantando.

- Você agora vai me ouvir!

Todos param o que estavam fazendo, Sr. Augusto com a caneta na mão só consegue observar.

- Me desculpem a todos pela invasão, mas eu acabei de receber a pior notícia que alguém que trabalha e se dedica tanto a uma empresa pode receber.

Os olhares e atenção se voltaram para o que ela iria dizer.

- Fui demitida sumariamente sem nenhum motivo consistente e justo.

Sr. Augusto a olha como se não estivesse sabendo de nada.

-Eu estou nessa livraria a muitos anos, tenho tido muitas felicidades e conseguido excelentes resultados que justificaram uma promoção, justificaram meu salário e justificaram a amizade e o respeito de colegas e clientes.

Ela olha para o Sr. Augusto.

- Também do senhor .

Ele aquiesce balançando a cabeça afirmativamente.

- Nunca me preocupei com horário, sempre estive pronta mesmo quando não era solicitado, permaneci fiel e comprometida cada segundo.

Hoje eu sei eu tenho certeza de tudo que eu fiz, mas não tenho certeza de que rumo as coisas estão levando.

Todos olham pasmos para ela, inclusive Sr. Augusto que pergunta.

- Quem a demitiu?

Ela olha para Mônica e depois para Olavo que vira o rosto de lado.

Mônica desconcertada tenta justificar sua decisão:

-Alice querida, nós estamos mudando o conceito de negócio e sua área não existirá mais.

- Como assim? - Pergunta Sr. Augusto.

- Bem Augusto Alice já não se enquadra mais no modelo que estamos implantando, ela é...

- Me chame de Senhor por favor.

- Sim, claro, desculpe..como estava falando para o Senhor, ela é muito impetuosa, voluntariosa e também antiquada.

- Eu sou antiga então..?

- Não disse isso, apenas que você não serve mais para o modelo que estamos implantando.

Alice abaixa a cabeça, logo em seguida levanta os olhos para ela.

- Está ótimo então. Eu só queria dizer a você que eu também me demito, detesto trabalhar com pessoas orgulhosas que não se colocam no lugar das outras. Que só conseguem ver números, números e números e dão a mínima para o que as outras pessoas passam ou sentem.

Antes que eu esqueça:

Vá para o inferno!

Passar bem!

Se vira para o Sr. Augusto

- Desculpe Sr. Augusto e muito obrigada por tudo. O senhor para mim sempre foi como um pai. Nunca vou esquecer.

Ele a olha e quando vai falar algo, ela se retira deixando todos sem reação.

Passa pela porta e se vai, mas antes olha para Mônica .

Acabou tudo...pensava ela.

Passando pelas colegas de trabalho ela se sente acolhida ao receber abraços.

Suas duas assistentes desceram as escadas e também tentaram a confortá-la.

- Está tudo bem meninas...obrigada.. - diz enxugando os olhos...

- Eu vou superar...bola para frente não é?

- Sentiremos sua falta...

Ela abraça as duas

- Eu também, eu também.. agora deixem-me ir, preciso pegar minhas coisas .

Suas pernas estão pesadas, sua cabeça está em ebulição e o seu corpo trêmulo.

Ao chegar no alojamento ela se senta em um banco com as mãos unidas e continua a chorar...

- E agora....?

O que eu vou fazer.

Como eu vou ajudar em minha casa.

Papai.....despenca a chorar ainda mais.

De repente ela escuta a porta se abrir e um movimento como se fosse...

Era uma cadeira de rodas...

- O que você está fazendo aqui Nicolas?

- Eu vim te ver...

- Não é uma boa hora....

- Por isso mesmo eu vim.

Ela o olha quando algo que também ela não esperava é dito.

- Meu nome não é Nicolas...

- Ah não por favor....é muita notícia ruim para um dia só.

Ela se levanta e com aparência desolada põe as mãos sobre a cabeça .

- Meu nome é Jonatam Schmitd.

Ela para...abre a boca e arregala os olhos.

- Então... você.....

- Sim....sou filho de Augusto Schmitd.

Sem acreditar ela dá volta em círculos concatenando as idéias, e boquiaberta ela estica os dedos da mão.

- *Então você é o filho mais velho do Sr. Augusto?*
- *Sim...*
- *Que sofreu o acidente e que nunca mais veio aqui?*
- *Vim outra vez não lembra?*
- *Claro, no corredor lá em cima, você não me deixava passar....*
- *Sim..era eu mesmo.*

Ela se senta novamente e passa algum tempo calada enquanto ele fica a olhando

- *Mas porquê, porque mentiu para mim?*
- *Eu não menti, eu só queria evitar que você sofresse.*
- *Mas você não tinha o direito de decidir isso por mim.*
- *Eu sei, mas foi por mim também.*
- *Como assim?*
- *Você é linda e tive receio de que se aproximasse de mim sem que me amasse de verdade. Sem nenhum outro motivo.*

Ela se senta em um banco em frente dele pegando suas coisas que estavam no armário e balança a cabeça.

- *Não é possível...*
- *Eu quero te pedir desculpas...*

Ela permanece em silêncio.

- *Eu não acreditava que alguém pudesse gostar de mim do jeito que estou sem que tivesse outra razão.*

Ela continua sem olhara para ele.

- *Gostar de um homem em uma cadeira de rodas?*
- *Sim...*

- *Você não me conhece...*

- *Agora eu te conheço e sei da mulher fantástica que você é.*

Ele pega a mão dela e toca o queixo dela a fazendo olhar para ele.

- *Você me ensinou a voltar a gostar de mim mesmo novamente. Me ajudou a aceitar mais quem eu sou. Compreender que existem coisas que não podem ser mudadas mas mesmo assim pode haver felicidade.*

Ela começa a chorar.

- *Se eu te contasse de quem eu era filho sempre acharia que você poderia gostar de mim apenas por ser filho do dono da livraria.*
- *Nunca....*

- *Hoje eu sei.*
- *Nunca ficaria com você só porque é filho de alguém rico.*
- *Eu sei... por isso resolvi te contar a verdade.*
- *Mas porque logo hoje.*
- *Eu soube o que aconteceu.*
- *Você soube?*
- *Sim.*

Ela olha para ele .

- *Eu não quero que tenha pena de mim e nem que peça a seu para reconsiderar.*

- *Ei...olha para mim...*
- *Eu não vou aceitar que reconsiderem só por sua causa.*

Ele ri e toca seu rosto.

- *O que foi?*
- *Você se parece comigo Alice.*

Ela o beija

- *Agora enxugue as lágrimas e vamos*

- *Para onde?*

- *Eu vou sair daqui com você e quero que todos vejam.*

- *Você não precisa fazer isso?*

- *Eu quero fazer isso.*

- *Vamos?*

- *Vamos....*

Ela termina de arrumar suas coisas e os dois saem para espanto e ao mesmo tempo admiração de todos.

Colegas de Alice aplaudem, outras mais sensíveis se emocionam ao ver os dois de mãos dadas.

Clientes para as leituras para apreciarem aquela cena, as assistentes na sacada do setor batem palmas e assoviam.

A porta da sala de Sr. Augusto se abre e todos os executivos saem devido ao barulho quando se deparam com todo o movimento causado pela cena que estava acontecendo.

- *Impossível* - Diz Mônica...

Olavo está paralizado com a mão na cintura sem saber o que dizer.

Henrico ajuda o pai sair da sala, se olham, depois sem que ninguém percebam sorriem discretamente.

Capítulo doze

- *Filha é você?*

Alice abre a porta e sem dizer nenhuma palavra se joga no sofá.

Sua mãe sai da cozinha enxugando as mãos em uma toalha e vê a filha aos prantos.

- *O que houve filha?*

Sem dizer nada ela se senta e abraça sua mãe.

Ficam um longo tempo, sem palavras, apenas abraçadas.

- *Você veio sozinha?*

- *Não mãe, Jonatam me trouxe.*

- *Jonatam?*

- *Sim mãe...*

- *É o sobrenome do Nicolas?,*

- *Não mãe, o Nicolas e o Jonatam são a mesma pessoa.*

Não escondendo a perplexidade pergunta:

- *Como assim filha?*

- *Pois é mãe, eu fiquei do mesmo jeito que você está agora...mas o pior não é isso.*

- *O que é que aconteceu por favor me diga filha, estou nervosa e preocupada com voce.*

Ela se abraçam e Alice sem conseguir dizer o inevitável, confessa:

- *Fui demitida...*

- *Meu Deus filha....*

Abraçando e acariciando o seu rosto:

- *Não fique assim filha...*

- *Sabe o Jonatam?*

- *O que tem ele?*

- *Ele é filho do Sr. Augusto..*

- *Ah não? Não acredito, não é possível.*

- *Acredite mãe....é possível e ele me disse com todas as letras.*

- *Meu Deus....foi ele que te demitiu então?*
- *Não, não...foi a Mônica.*
- *A noiva do irmão dele?*
- *Sim...*
- *Mas porque não falou com ele.*
- *Mãe...eu prefiro não continuar com esse assunto por enquanto.*

Tudo bem?

- *O que você achar melhor filha.*
- *Obrigado mãe..*
- *Só quero ficar quieta.*
- *Eu compreendo filha...olha, fique tranquila, eu vou prepara algo para você comer. Tudo bem?*
- *Tá bom, obrigada viu!*
- *Oh minha pequena, eu te amo tanto.*
- *Eu também, mas o que eu mais preciso agora é ficar quieta no meu quarto.*

A janela do quarto estava fechada, ela abriu as cortinas e deixou com que o sol entrasse. Pelo horário, já quase noite, a temperatura já era amena e uma suave brisa tocou seu rosto. Soltando os cabelos joga a bolsa por cima da cama e vê na penteadeira os papéis com a cópia dos livros que havia lido na sala do Dante.

Sentou na cadeira em frente a penteadeira, se olhou no espelho e apoiou os braços, logo em seguida instintivamente começa a folhear devagar e ler algumas páginas.

Não demorou muito para que seu rosto se iluminar.

- *Sim, sim.....*

Então ela começa a sorrir.

- *Sim, sim....*

Levante-se com o livro sobre a mão e começa a dançar dentro do quarto.

- *Sim...sim...*

Sua mãe abre a porta sobressalto.

- *Filha, o que houve!*

Ao entrar ela não consegue acreditar no que está vendo.

- *Filha o que você tem?*

- Mãe...é isso...é isso!
- Não estou entendendo....
- É isso aqui....

Ela mostra o livro em sua mão, mas a sua mãe ainda não consegue acompanhar o seu raciocínio.

- O quê ? Pelo amor de Deuseles te contrataram novamente?

- Não mãe...não...!!!
- Então não estou entendendo nada.

Elas escutam a porta da sala abrir e a voz inconfundível de Sandro anunciando que chegara.

- Querida vim o mais rápido que pude.

Alice olha para mãe e pergunta:

- Mãe, você foi preocupar o pai?
- Claro filha, você entrou em casa desolada. Eu não sabia o que fazer. Liguei para o seu pai, que quis vir te ver .

Sandro entra no quarto e preocupado lança o olhar para a filha carinhosamente:

- Filhinha como está minha pequena?

Ela sorri e corre para abraçá-lo sorrindo.

- Mas não era para você está chorando?

Pergunta olhando para esposa.

- Sim, mas eu não sei o que aconteceu Sandro. Ela estava aos prantos a alguns segundos.

- Pai, você não sabe o que aconteceu?

- Eu soube..você foi demitida não foi?

- Sim, isso não é fantástico?

Sandro não sabe como reagir.

- Filha você está bem?

- Melhor do quê nunca!

- Sandro eu acho que ela pirou.. - diz a mãe com as duas mãos na boca tentando conter a surpresa.

Ela sorri ao mesmo tempo que sai pulando pelo quarto correndo na direção dos dois e os abraçando.

- Vamos lá para a mesa?

mãe eu estou morta de fome.

- Pai, eu vou voltar

- *Como?*

- *Sim, nada acontece por acaso como você sempre diz não é?*

Ela põe os braços sobre os ombros dele e saem para a cozinha seguido pela mãe que está de mãos dadas com Sandro. Na cozinha, sentados em volta da mesa, os três ficando a noite inteira, conversando, sonhando e sorrindo.

∞ ∞ ∞

A casa do Sr. Augusto voltou a ter novamente a movimentação de antes, a mesa de refeição voltou a ser divertida, as tardes de sábado passaram a contar com as reuniões na varanda que dá para o jardim, momentos estes que Dona Helena não perde por nada.

Porém, até esse período tranquilo chegar, muitas coisas aconteceram em um espaço curto de tempo e mesmo que não percebessem, as dificuldades que encontram reaproximou-os corroborando com a paz que estavam sentindo naqueles dias.

Antes disso acontecer, Henrico acabara o noivado com Mônica após descobrir que ela se apaixonara perdidamente por Ramom e que os dois mantinham um caso as escondidas, se encontrando com frequência dentro nas dependências da própria livraria.

Um período de grande tristeza se abateu sobre ele, o que fez com que seu irmão Jonatam se solidarizasse e passasse a ser companhia constante para o irmão.

Um dia por acaso, Henrico reencontrou uma antiga namorada da época do colégio, uma paixão reascendeu nos dois instantaneamente e enfim ele encontrou nela tudo aquilo que não recebera do seu antigo relacionamento, compreensão, respeito e companheirismo.

A fase mais complicada para todos foi quando o Sr. Augusto fora diagnosticado com um câncer na garganta, uma notícia que abalou a todos, mas por outro lado, serviu de termômetro em que todos reavilaram suas atitudes e suas prioridades, percebendo que não poderiam desperdiçar tempo com bobagens e coisas fúteis. Desde então tentam aproveitar ao máximo o tempo em família, os momentos juntos.

Com relação as desavença entre Jonatam e o pai, a intolerância começou a desaparecer desde o dia que Sr. Augusto recebeu de surpresa uma pequena comemoração orquestrada por Alice. Nesse dia, Jonatam tomou a palavra e falou tudo que o seu coração pedia, suas inseguranças, suas tristezas e sua frustração, lastimou em não poder corresponder mais as expectativas do pai devido a sua limitação física, emocionou a todos pela sinceridade do que disse, concluindo sua fala confessando seu amor e admiração pelo pai que chorou muito.

Daquele dia em dia em diante, pai e filho reencontraram o que haviam perdido: o amor .

A casa agora conta com um home office todo equipado para suprir as necessidades físicas de Jonatam e para que ele possa escrever, ao seu lado, outra mesa para Alice trabalhar o que permitiu que estivessem juntos boa parte do tempo.

Jonatam estava feliz, Alice finalmente aceitara se casar com ele, pedido que foi feito no Café Paris em seu aniversário. Os dois pretendem morar no mesmo condomínio em que os pais de Jonatam moram.

Já os pais de Alice receberam de presente da filha uma grande reforma na casa que moram, não quiseram sair de Heliópolis, onde guardam tantas memórias, tantas lembranças, além dos amigos e familiares que moram lá.

Alice passa todos os finais de semana com os pais e Jonatam e já falam em ter o primeiro filho.

Vocês podem estar se perguntando o que houve com os livros que Jonatam escrevia e que Alice estava nas mãos no último capítulo ?

Aconteceu o seguinte:

Assim Alice levou uma cópia do livro para Editora Phoenix a mesma que fechara as portas para ela mais de uma vez e mais uma vez não aceitou o livro que ela levava, deram a resposta em poucos dias.

Mas como tudo na vida tem seus altos e baixos, a Editora rival a Phoenix, a Editora Odessa resolveu apostar na publicação do livro.

O livro começou a ser vendido com pseudônimo da escritora Lorena John. Os meses que se seguiram a estréia do livro a repercussão foi surpreendente.

Alice voltou a suas atividades como Agente Literária e firmou contratos com livrarias renomadas nacionais para venda de centenas de exemplares.

O grande mercado estava começando a conhecer a obra de Lorena John.

Mais alguns meses e o segundo livro foi lançado transformando em unanimidade o nome da escritora até pouco tempo desconhecida.

Alice teve que aumentar o leque de possibilidades para que os livros alcançassem mais público, a Amazon entrou no circuito e o resultado foi espantoso.

Em menos de dois anos, milhares de livros vendidos, milhares de fãs no mundo inteiro e milhares de pedidos para que Lorena John aparecessem em público.

Alice não sabia como encontrar a autora dos livros, pois como da primeira vez que ela encontrou um exemplar, ele eram deixados na livraria Leiname.

Jamais havia tido contato direto com ela a não ser por mensagens no celular..

Um número de celular.

Era a única forma de contato.

As mensagens chegavam sem explicarem o motivo do mistério, por mais que tentasse falar com ela, era impossível.

O número do celular era só o que tinha, nada mais.

Já eram quatro livros de sucesso e muitas tentativas frustradas para se aproximar dela.

-Eu não exatamente o que dizer mais para a imprensa.

- Porque está tão preocupada.

- Jonatam, ela nunca apareceu e a quase cinco anos estou tentando fazer com que isso aconteça.

- Acho que faz parte do mistério.

- Como assim ? Ela se esconder?

- Diria que não está escondida, ela só não quer aparecer.

- Não sei, tenho receio de tratarem isso simplesmente como uma jogada de marketing e os seus livros passarem por descrédito.

- Porque aconteceria isso?

- Os leitores, as pessoas, digo, todo mundo precisa um do outro, ninguém consegue nada sozinho e dá a impressão de que ela não pensa assim.

- Será Alice?

- Sim, é só você a repercussão que causa cada vez que ela não comparecesse a algum lançamento, algum evento...as pessoas já começam a se irritar, até algum dia que surja um jornalista revoltado e detone tudo que construímos até hoje.

Jonatam observa o nervosismo de Alice.

Algumas horas para a premiação, cujo vencedor é anunciado e é justamente Lorena John.

- Meu Deus! e se ela não for novamente? Vai ser o fim.

Ontem o Jornal Imprensa Escrita já colocou uma matéria acabando com ela ..

- Com ela quem?

- Quem? a nossa escritora.

- O que está escrito?

- Olha em cima da minha mesa.

Jonatam vai até lá e ler devagar.

" A mais famosa escritora do país na verdade não passa de mero produto de uma força de marketing criada para gerar riqueza aos seus proprietários!"

- Nossa!

- Tem mais Jonatam, a Editora não vai mais renovar o contrato com ela alegando que não eu não posso mais representar alguém que, segundo eles, não existe.

- Não estava sabendo.

- Tem coisas que eu não te falo para não te preocupar pois faz parte de meu trabalho. Não quero que se preocupe tá?

- Mas...

- Sem mais amor, agora preciso a todo custo tentar encontrar nossa escritora.

- Você vai sair?

- Vou, tenho que ir a editora e tentar de alguma forma minimizar o impacto caso nossa escritora não apareça.

- Sei...- Alice dá um beijo em Jonatam e quando está saindo ele diz:

- Algo me diz que ela vai aparecer.

Ela olha com carinho, pisca o olho

- Tomara amor...tomara.. minha carreira agora depende disso.

Epílogo

Prêmio São Paulo de Literatura

As horas passavam lentamente, enquanto o auditório do Teatro Municipal de São Paulo estava lotado. A área onde ficavam expostos alguns exemplares dos livros de Romance escritos por ela estavam completamente tomados.

Vários banners espalhados pelos corredores e na frente do teatro uma imagem gigante exibia o seu último livro. Vendedores organizadamente distribuam botons, souvenirs e fotos com frases extraídas de algum dos seus romances.

Não se ouviam mais com clareza por causa da demasiada quantidade de vozes.

Afinal quando ela vai chegar?

Será que finalmente os seus fãs verão o seu rosto?

Afinal ninguém sabia ao certo sua idade muito menos sua altura ou onde ela vinha, de onde ela era. Desde a última promessa de que iria aparecer, a sua agente literária Alice Malta, confirmara que ela compareceria e que concederia autógrafos a alguns dos seus oito livros publicados.

Já se passaram quatro horas após o agendado. Por incrível que pareça, apesar do atraso, toda aquela multidão ao invés de odiá-la, se apaixonava ainda mais pelo mistério que ela causava.

Mas o que ela tinha de tão especial ?

O que os seus livros passavam de tão original que arrebanhava leitores sedentos por cada obra sua?

Alguns dizem que ela é uma senhora que não consegue andar, outros falam que ela não mora no Brasil , já os mais céticos apostavam que ela seria um produto da pequena editora que a lançou..

...o que todos tem quase certeza plena é ou não é uma pessoa....

...ela não vai aparecer.

...alguns mais esperançosos acreditavam o contrário.....

...de fato perguntas que não traziam respostas conclusivas....

...o tempo passava...

...o relógio não parava...

...e mais uma vez incerteza pairava dentro do teatro...

- Será que vão encerrar o evento? - diz alguém...

...outros mais otimistas diziam

- Ela virá sim, eu tenho certeza!

-Acabou o tempo? - Os organizadores do evento temerosos com a repercussão na mídia.

Olhos atentos se perdem no horizonte em busca de alguma explicação ou quem sabe de vê-la pela primeira vez.

Foi quando de repente, Leonardo Machint , Jornalista de um programa de TV e apresentar do evento pede a todos um pouco de silêncio.

- Por favor senhores e senhoras aqui presentes, em nome da direção do Teatro Municipal e da direção deste magnífico evento de premiação aos destaques do cenário nacional e principalmente do vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura peço desculpas pelo horário avançado, mas é com muita honra que gostaria de convidá-los a receber de pé o convidado de honra dessa noite.

Que durante muitos anos foi a grande incógnita do meio literário e também publicitário já que muitas teorias foram feitas a seu respeito..

Todos sorriem pois sabem da veracidade dessa fala.

- Assim como sempre foi durante toda sua trajetória, o mistério de sua identidade hoje excepcionalmente será revelada, e confesso a todos, eu mesmo não acreditei. Então por favor e contemham e recebam com aplausos o vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura deste ano....

A cortina é aberta e um silêncio perturbador toma conta de todo o auditório do teatro.

- Meu Deus-Pensa Alice imediatamente.

Os fotográficos não se deram ao trabalho de preparar suas máquinas fotográficas, as cortinas nem foram suspensas pois não havia ninguém por trás delas, alguns fãs já demonstravam descontentamento evidente e Alice já iniciara um processo de desespero inevitável.

Quando Leonardo Machint pegou o microfone novamente, todos previam que fosse pedir desculpas.

- Todos devem estar imaginando ué cada ela ? Eu também imaginava a mesma coisa.

Subitamente todos estavam sem compreenderem suas palavras.

- Queridos e queridas aqui presentes, pelo corredor desse imenso teatro eu nunca havia prestado atenção sequer imaginado que alguém que não pudesse andar tivesse condições de vir aqui dignamente para assistir uma peça . Hoje eu prestei atenção.

Nesse momento surge na lateral do palco em sua cadeira de rodas Jonatam Schmidt.

Todos se levantam perplexos menos Alice que não consegue se mexer.

Sob aplausos entusiasmados e ovacionado por todos Jonatam não contém as lágrimas.

No meio de tantas manifestações de admiração e apreço dos presentes no teatro, seus olhos buscam encontrar Alice.

E em fração de segundos ele a vê, sorrindo e chorando ao mesmo tempo.

Ela se levanta e acena....

Os dois se olham.

Ele olha para ela....

Ela sorri para ele e diz mesmo sem palavras.

Eu te amo!